

P. LINHARES

V
E
R
S
O
S

IMPOSTOS,
PEDIDOS
E
ESPONTÂNEOS

1979



P. LINHARES

V
E
R
S
O
S

IMPOSTOS,

PEDIDOS

E

ESPONTÂNEOS

*A Biblioteca Municipal de Barcelos,
com o seguinte voto:*

*Não seja, tal qual o nome,
"caixa de livros", somente;
seja mesa que alimente
De cultura quem tem fome ...*

1979

P. Linhares



Com autorização eclesiástica
Reservados todos os direitos

Aos meus saudosos seminaristas
de Nossa Senhora da Conceição,
aos caríssimos alunos e
às queridas alunas
do Externato de D. António Barroso

dedico este bocado,
o melhor,
da minha alma.

Dez vezes expliquei a tal lição,
Dez vezes a escrevi na mesma loisa,
Dez vezes repeti a mesma coisa,
Dez vezes perguntei o mesmo em vão.
Perdi o tempo? Nunca se perdeu
O tempo que a ensinar alguém se deu...

Pronomes pessoais, emprego e formas,
Pessoa e num'ro, género e função...
Questões vulgar's, as mais precisas normas:
Pouco de estudo, muito de atenção...
Um dia, enfim, o aluno em si entrou:
Do que ensinado foi se recordou.

DUAS PALAVRAS

Do título que escolhi, só o primeiro adjectivo precisa de explicação. IMPOSTOS são os versos que me obrigaram a fazer o meu Professor de Português, Padre António Luís Vaz, e os Reitores do Seminário Conciliar, Dr. Adão Salgado Vaz de Faria e Cónego António de Castro Mouta Reis. Nunca me revoltei por isso. À distância, estou-lhes grato: a eles, em grande parte, se deve esta obra.

As datas e outras notas que acompanham as composições são apenas subsídios para futuros coca-bichinhos e não estão isentas de falhas.

PRIMEIRA PARTE

VERSOS IMPOSTOS

MARIA, ALTO FAROL

Do mar da vida farol,
Terna Mãe, doce Maria,
Sede a minha força e guia
Para a luz do Eterno Sol.

Meu peito já libertai
Do marasmo e do torpor
E, junto com vosso amor,
Altas virtudes lhe dai.

Deste infeliz compaixão
Pedir-Vos, mais uma vez,
Seria desconfiar.

Dai-me o Vosso coração,
Dai-me a Deus, que Deus me fez,
E a graça de Vos amar.

Outubro de 1935

Publicados em A CRUZADA, de 1/XII/35

A NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA

(Cantiga paralelística)

Ó Senhora da Franqueira,
De Barcelos padroeira,
Vinde-me já visitar.

Senhora, que lá do monte
Cobris todo o horizonte,
Vinde-me já visitar.

Se sois minha protectora,
Da Franqueira alta Senhora,
Vinde-me já visitar.

Dezembro de 1935

MARIA É NOSSA MÃE

(Para a Academia de Nossa Senhora, promovida pelo Curso Filosófico,
em Maio de 1939)

Jesus ia morrer. Do seu fadário
O termo se aproxima desejado:
Do crime, da baixeza, do pecado,
A seus benditos pés, o vil sudário.

Tomado de pavor lá nas alturas,
Dos astros o grão rei tremeluzia.
Atónito, o oceano não bramia,
A natureza inteira se carpia,
Cumprindo-se, entretanto, as Escrituras...

Jesus ia morrer. Mas, junto à cruz,
Os seus algozes vê. De compaixão,
Rebrilha o seu olhar quase sem luz
E pede ao Pai, com graças bem a flux,
Para eles todos salvador perdão.

Pasmam os anjos e o sol também,
Ao ver como Jesus fazia bem
Àqueles mesmos que lhe fazem mal...
Não saltita no campo a lavandeira,
Já deixa a pomba, a medo, a sementeira,
Recolhe pressurosa ao seu pombal.

Jesus ia morrer. Mas, a seu lado,
Arrependido já do seu pecado,
Estava o bom ladrão.
Entrada no seu reino Lhe pedia...
E logo o Salvador lhe prometia
Do céu o galardão.

Apressuram-se os anjos, ledamente,
A preparar, à vez, galhardamente,
No céu áurea mansão.
Pelo azul, avezinhas vão cantando,
À uma, da alegria partilhando
De Dimas, o ladrão...

Jesus ia morrer. Da cruz pendente,
Magoado, triste, volve ainda o olhar
(Ao longe, desvairada, a humana gente;
Junto à cruz, com João, a Mãe dolente)
E fica, longo tempo, a cogitar...

Mais eis que de repente, com doçura,
Jesus descerra os lábios, vai falar.
À humana creatura
(Oh excesso de amor e de ternura!)
A graça derradeira quer doar...

E dá, dá por herança aos redimidos,
Que somos todos nós, seus filhos q'ridos,
Um manto protector,
Que nos livre do p'riço e da desgraça,
Que seja para nós qual a couraça
Dum bravo lutador.

— Eis o teu filho, ó terna Mãe querida
(Diz Jesus, apontando pra João);
No mar encapelado desta vida,
Sê meigo amparo e maternal guarida
Para ele e para os mais filhos de Adão.

A Ti os lego,
Livra-os do pego,
Guia-os ao porto...
Na vida e morte,
Sê-lhes de norte,
Paz e conforto.

Por todos vela,
Rosa singela:
São filhos teus...
Salva-os dos males,
Lírio dos vales:
São irmãos meus...

Foi desde então que a Santa Mãe de Deus
Tomou a todos nós por filhos seus.

Publicados em O BARCELENSE, de 4/VI/40, e em
JORNAL DE BARCELOS, de 14/8/75

A SANTA CECÍLIA

(Para a Academia tradicional)

Ave Cecília, virgem gloriosa,
Nina ditosa, de Jesus amada!
Ave Cecília, filha idolatrada,
Invicta desposada, flor mimosa!

Eu vos celebro, fada esplendorosa,
Mística rosa, pelo céu guardada...
Eu vos saúdo, esposa imaculada,
Crucificada, sempre jubilosa.

E em húmil oração a vós recorro,
Que do martírio à palma fulgurante
Juntastes da candura a nívea estola.

Velai por mim e sede o meu socorro,
Da vida quando em passo lancinante;
Velai por todos, protegei a Schola.

25/XI/1939

TU ÉS PEDRO!

(Para a Academia do Santo Padre — 12/3/1942)

Foi em terras mui distantes,
Idades que já lá vão,
Junto ao mar da Galileia...
Havia seis lustros antes
Que nascera na Judeia
Jesus Cristo, a Salvação...

Saía agora a pregar,
Convidando à penitência,
Prometendo em troca o Céu.
Era terno o seu falar,
Profunda sua ciência,
Sua vida sem labéu.

Habitava além Jordão,
Nos confins de Zabulão,
Junto ao mar.
E viu, um dia, Simão,
Com André, um seu irmão,
A pescar.

— Deixai as redes (lhes diz)
E segui-Me sem temer...
Em águas nem sempre calmas,
Pescador's, mas sim das almas,
Heis-de ser.

E seguiram-No... Depois,
Viu Jesus mais outros dois
Uma rede a consertar.
Eram Tiago e João,
Seu irmão,
Que o pai 'stavam a ajudar...

— Vinde também (diz Jesus),
Heis-de ser do mundo luz,
Meus apóstolos sereis.
Fora do rio e do mar,
Há almas para pescar...
Pescá-las-eis!

E foram. E ficou o pai sozinho.
E a nova, certamente, ao seu vizinho
Foi contar.
E lá seguiu Jesus o Seu caminho
E começou os discip'los de mansinho
A ensinar.

Vieram outros mais: Natanael,
Varão sem dolo, filho de Israel,
Ao Mestre por Filipe encaminhado;
Depois Mateus, de impostos cobrador
Na terra onde habitava o Salvador,
Que o vira no telónio assentado.

E, pouco a pouco, vieram os restantes:
Tiago e Tomé, dois Judas e Simão.

... ..
Foi em eras que passaram, mui distantes,
Junto ao mar, nos confins de Zabulão.

Passaram anos. Agora,
Vai Jesus, estrada fora,
A Boa Nova a pregar...
Fica pra trás Magedão,
Já atravessa o Jordão,
A Cesareia vai dar.

E parara Jesus da estrada à beira,
Era à tardinha, num festivo Abril...
Lá longe, do monte na ladeira,
Ouviam-se os chocalhos, na guiseira
Dum rebanho a caminho do redil...

Hora solene! Ei-la enfim...
E aos seus Jesus perguntou:
— Que dizem os homens de Mim?
Quem diz o povo que Eu sou?

—Que és um profeta, Elias ou João
(Respondem os apost'los, simplesmente).
E de novo Jesus, de acento terno:
— Que dizeis vós? Que dizes tu, Simão?
— Senhor, que hei-de eu dizer? Que sois do Eterno
O Eterno Filho, o Filho Omnipotente...

— Feliz és tu, Simão, lhe diz Jesus,
Feliz és tu, ó filho de João.
Não foi dum homem, mas de Deus a luz
Que tal verdade te ensinou... oh! não.

Não mais serás Simão: és Pedro, agora;
Pedra angular serás da minha Igreja...
E as portas lá do inferno, sec'los fora,
Em vão, porém, prometo-to nesta hora,
Contra Ela se erguerão em dura p'leja.

E as chaves do meu reino te darei
E o que ligar's na terra Eu ligarei...

Passou um ano mais... e era Abril.
Jesus tinha morrido
E dos mortos, com glória, ressurgido,
Tal qual antes dissera, vezes mil.

Com os discip'los na areia,
Junto ao mar da Galileia,
Falava amigamente...
E a Pedro, que três vezes O negara,
Mas seu pecado já, com dor, chorara,
Pergunta calmamente:

— Amas-Me ainda, Simão?
Mais do que estes tens-Me amor?
— Tu bem o sabes, Senhor!
Sim, eu Te amo, pois então!

— Apascenta os Meus cordeiros,
Da minha Igreja és pastor.

E novamente: Simão,
Ainda Me tens amor?

— Pois não o sabes, Senhor?
Amo-Te sim, por que não?

— Apascenta os Meus cordeiros,
Da Minha Igreja és pastor.

E, por último: Simão,
Ainda Me tens amor?

— Tu sabes tudo, Senhor,
Tu lês no meu coração...

— Minhas ovelhas governa,
És o Supremo Pastor...
És Meu Vigário na terra,
Não temas Satan na guerra:
A Minha Igreja é eterna,
Serás sempre o vencedor!

Passaram sec'los. Um dia,
Em Roma, um cedro caía,
Cortado à foice da morte...
Era Pio onze, um gigante,
Que, numa hora lancinante,
Servira aos povos de norte.

Velhinho venerando lá se foi,
Pranteando a sós dos homens a cegueira...
Já não existe o Papa das Missões...
As almas choram, gemem corações,
Pesado luto cobre a terra inteira.

Venceste, acaso, Satan?
Nem vences: é eterna a Igreja...
E contra Ela, em dura p'leja,
Em vão te esforças, em vão!

Não morre o Papa. (Já ressuscitado,
Na Galileia, disse-o Cristo, um dia).
Não morre Pedro, não tem fim o Papado...
Morreu Pio onze... e a Pedro no Primado,
Dias depois, Paceli sucedia.

E a nova, célere, corre...
(Não morre o Papa, não morre).

Exulta a cristandade, exulta a Igreja...
Bendito seja Deus! Bendito seja!

Hossana! Hossana ao Perenal Pastor,
Ao nosso Pai Supremo e nosso Guia!...
Ressoem cantos, de eternal magia,
Do Filho de Maria ao embaixador!

Cantai, ó anjos (célica harmonia),
Um hino ao nosso Pai...
Nesses clarins, celeste sinfonia
Tocai, tocai!

Cantemos todos, em concerto ordeiro,
Do timoneiro
A glória divinal...
Ao Vigário de Cristo verdadeiro
Rendamos todos, renda o mundo inteiro
Preito filial.

... ..
... ..

Joelho em terra, mãos ao céu erguidas,
Almas unidas,
A estuar de amor,
Peçamos todos, todos, ao Senhor
Se digne abençoar, em suas lidas,
Do Galileu mais este sucessor.

11 de Março de 1942

UM SÓ REBANHO! UM SÓ PASTOR!

(Para a Academia do Oriente Cristão — 27/2/1943)

Lá vai o Bom Pastor, em faina incerta,
Os homens conduzindo, como anseia...
Em lances arriscados, de epopeia,
A porta do redil lhes mostra aberta.

Ao perto e ao longe, em quebras do montado,
Lobos famintos ouvem-se rugir...
Ao longe e ao perto, já no povoado,
De ovelhas mansas sente-se o balir.

Satan dum lado, as almas a tentar,
E Cristo do outro, alerta pràs guardas...

Lá vai o Bom Pastor, em faina incerta,
Os homens conduzindo, como anseia...
Em lances arriscados, de epopeia,
A porta do redil lhes mostra aberta.

E ei-Lo junto ao mar da Galileia,
Em tom amigo, aos seus falando assim:
— Meus filhos, os demónios contra mim
Já se erguem, qual de lobos alcateia.

Já vejo a dispersão no meu redil,
O desfalque já sinto nas fileiras...
E inda longe, do monte nas ladeiras,
Ruge feroz o lobo em seu covil.

Vinde também prà liça, desde esta hora,
Pastor's do meu rebanho, minha Igreja...
Vai ser acesa a luta, dura a p'leja:
Satan será vencido, sec'los fora.

Mas Eu tenho outras ovelhas
Que não são deste redil.
Conduzi-as ao aprisco
Com falas, trabalhos mil.

Mas quê?! Temeis? Estais acaso sós?!
Não sou a vossa força no labor?!
Marchai! E que elas ouçam minha voz,
Pra que haja um só rebanho e um só Pastor.

E lá foram... E os povos conquistaram,
Em rasgos de heroísmo, pra Jesus...
Dos tronos seus os ídolos apearam
E, em seu lugar, de Cristo ergueu-se a Cruz...
Sábios e mestres sua voz calaram,
Apenas viram do Evangelho a luz.
Já se ouve a Boa Nova em Roma e Atenas,
Já vence a lei de Cristo as leis terrenas.

Mas ao longe, nas quebras do montado,
Lobos famintos ouvem-se rugir...
E muito perto, já no povoado,
De ovelhas mansas sente-se o balir.

Por Fócio e Cerulário, vai Satan
O cisma provocar na grei cristã
Do heleno povo...
De Roma já não quer a voz seguir;
Pretende o credo antigo refundir
Em credo novo.

E dá-se o cisma na Igreja,
No redil a dispersão...
E a voz de Cristo, inda agora,
Ouvir se faz como então:

— Outras ovelhinhas tenho,
Que andam fora deste ovil...
Importa reconduzi-las,
Com preces, trabalhos mil.

*

Acaso ouvis

O que vos diz
O Bom Pastor?
Vamos! Rezai,
Sofrei, lutai
Com todo o ardor...

Pede-o Jesus,
A Quem, na Cruz,
Feriu o amor...
Vamos! Rezai,
Sofrei, lutai
Com todo o ardor...

Lutai, sofrei, rezai a Deus Senhor,
Pra que haja um só rebanho e um só Pastor.

31/1/43

SEGUNDA PARTE

VERSOS PEDIDOS

I

MAIS OU MENOS PROFANOS

ILUSÃO — DESENGANO

(A pedido do Cónego Dr. José António Martins Gigante, para um sarau no Colégio de D. Pedro V)

Noutro tempo, em que eu era pequenita,
Qual avezita, alegre, a saltitar,
Tudo era cor de rosa, a meu olhar,
Tudo era um mar... de paz, ventura e dita.

Lindos sonhos na minha cabecita,
De cinema qual fita a trespassar,
Se formavam, grandiosos, sem parar,
A acalentar desejos de catita.

Sonhos de glória, anelos de grandeza,
Tudo se foi, com tanta ligeireza,
Como se erguesse enorme furacão...

Tudo se foi, meu Deus, em boa hora,
E, crescida, fiquei sabendo agora
Que segue o desengano à ilusão...

1944

PASSEIO NO CÁVADO

(A pedido do Padre Manuel Faria Borda, para uma Barcarola, a cantar pelo seu Orfeão do Seminário de Nossa Senhora da Conceição — Braga)

SOLO I

Vai sulcando as águas
O nosso barquinho,
Vou carpindo as mágoas
Deste torvelinho.
No céu há estrelas,
Que piscam além.
Quem me dera vê-las
A chorar também.

CORO

Mui leve, mansinho,
Sempre a deslizar,
Lá vai o barquinho,
Correndo prò mar...
É fagueira a brisa,
Tão lindo o luar,
E o barco desliza,
Sem nunca parar.

SOLO II

Ó Cávado amigo,
O teu marulhar
Relembra um mendigo
Que vive a cantar...
Sempre satisfeito
Não vive o cantor,
Pois eu no meu peito
O que sinto é dor...

Janeiro de 1947

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 5/X/72

A NOSSA OFERTA

(A pedido do Padre Mário Xavier Rodrigues, na visita pastoral à sua paróquia de S. Bartolomeu do Rego — 7/9/1947)

Assim era certamente
Jesus, o Sumo Pastor,
Espalhando largamente
Do bem e graça a semente,
Da Palestina ao redor.

E por isso, agradecidos
Por tantos Vossos favores,
Vos trazemos dos crescidos
Os óbolos recolhidos
E dos pequenos, as flores.

Dos pais a oferta aceitai.
Diz muito, embora modesta.
Ao Seminário a levai
E em Vosso peito guardai
Esta terrinha hoje em festa.

Aceitai estas florinhas,
Símbolo do nosso amor,
E dai a nós, criancinhas,
Cordeiros e ovelhinhas,
A Vossa bênção, Pastor.

7/9/47

EU SOU MARIA

(A pedido do Padre Manuel de Faria Borda, para o seu Órfeão do Seminário Menor de Braga)

1

Quando é calvário esta vida
E o mortal não pode mais,
Ou na terra, sem guarida,
Vai deixando ouvir seus ais,

Apontando o céu feliz,
Em voz doce que inebria,
A Senhora logo diz:
— Olha e vê, Eu sou Maria...

2

Quando, lá no alto mar,
Ruge tremenda a procela
E o barquinho a abalroar
Faz o nauta pensar nEla,

A Virgem, Estrela do Mar,
Nossa Senhora da Guia,
O porto lhe vem mostrar:
— Olha e vê, Eu sou Maria...

CORO

A todos que neste vale,
Pobrezinhos, órfãos, sós,
Arrastam, tristes, seu mal,
Sempre diz a mesma voz:
— Eu sou Maria, sou Mãe;
Filha de Deus, sou Senhora.
Vós sois filhos Meus também,
De todos sou Protectora.

Outubro de 1947

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 9/8/73

GRATIDÃO E PRECE

(Versos pedidos pelo Padre Cirilo António de Figueiredo, para serem recitados na inauguração solene do Salão Paroquial de Gilmonde, sob a presidência do Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior)

Sou pequeno? É bem verdade!
Agarotado? Talvez!...
Mas bom rapaz (sem vaidade,
Posso dizê-lo a vocês).

E tanto assim que a missão
Me deram, e tão honrosa,
De vir aqui ao Salão,
A falar (e não em prosa...).

Mas que venho cá dizer,
Em versos de pé quebrado?
Isto só: agradecer,
Gritar bem alto — obrigado!

Obrigado, bom Pastor,
Diz o povo desta terra;
E esta palavra, Senhor,
Um voto também encerra:

Que o Pai do céu, nosso Pai,
Vida e saúde Vos dê.
Vamos rezar-Lhe (contai!),
A pedir-Lhe esta mercê.

Vamos pedir a Jesus,
Com fé, esperança e amor,
Bênçãos e graças a flux
Pra Vós, amado Pastor.

4/XI/59

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 25/XI/76

A NOSSA OFERTA

(Versos pedidos pelo Padre Cirilo António de Figueiredo para a r cita inaugural do Salão Paroquial de Gilmonde, a que presidiu o Senhor Arcebispo Primaz, Dom António Bento Martins Júnior)

Já dissemos obrigado,
Já prometemos rezar.
Agora trago um recado:
Vai-Vos por certo agradar.

Palavras leva-as o vento,
Diz o povo e com razão.
O nosso agradecimento
Foi traduzido em ac o.

A fé sem obras   morta:
Do catecismo   li o.
And mos de porta em porta,
Juntando escudo a tostão.

Eis aqui alegremente
A nossa oferta: aceitai.
  esmola de toda a gente,
Ao Seminário a levai.

4/XI/59

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 25/XI/76

HINO DA CANTINA ESCOLAR

(Letra pedida pelo Padre Manuel da Silva Pessoa, pároco de Estela-Póvoa de Varzim, para ser musicada)

1

Pequeninos, sabemos dizer
«Obrigados» a quem nos faz bem.
Dedicados havemos de ser
A quem é para nós como mãe.

2

Pobrezinhos, não temos que dar,
Em retorno de quanto nos dão.
Só nos resta por todos rezar,
Mãos em prece, of'rcer oração.

CORO

Viva, viva a Cantina Escolar,
Que nos dá para a alma o sustento,
Que do corpo garante o alimento,
Que prà vida nos vai preparar.

1952

HINO DO SALÃO PAROQUIAL

(A pedido do Padre António Joaquim Areias da Costa, para ser cantado no dia da inauguração, a 8/5/1960, em Vila Seca, com música do Maestro Dr. Manuel Ferreira de Faria)

CORO

Rezamos a cantar na nossa igreja,
Cantamos a rezar neste salão;
Em toda a parte Deus bendito seja
E seja nossa vida uma oração.

1

Já temos nosso salão,
À sombra da igreja q'rida;
Temos nele o coração,
Faz parte da nossa vida.

2

É complemento da igreja
O salão paroquial,
Em idêntica peleja:
Luta do bem contra o mal.

3

À igreja vamos rezar,
Buscar graça e aprender;
Ao salão, a recitar
E, com graça, ouvir dizer.

4

De Vila Seca o bom povo
Escuta a voz do Pastor:
«Revesti-vos do homem novo,
Em fé, esperança, amor».

5

«Sede sempre bons cristãos
De doutrina e mandamentos;
Amai-vos como a irmãos,
Na graça dos sacramentos».

Publicado em JORNAL DE BARCELOS, de 23/9/76

HINO DO EXTERNATO DE D. ANTÓNIO BARROSO

(A pedido do Director, Dr. José Rodrigues Fernandes)

CORO

Rapazes, que estudais rumo ao porvir,
Dum santo bispo à sombra tutelar,
O hino do querer e do sentir
Em vossos corações fazei vibrar.

1

Sete anos tinha, que pequeno eu era
Primeiras letras aprendi a ler...
Alguns rabiscos (que saudade fera!),
Pequenas contas consegui fazer...

2

Olhava os grandes e cismava tanto:
Livros tamanhos e em número tal...
Mas pode a ciência ter assim encanto?
E posso àqueles ser um dia igual?

3

Passaram anos. Vou 'scalando alturas.
Livros e mestres são os meus degraus.
Abrem segredos três Literaturas.
Lá vão das Ciências os bocados maus.

4

Lições e pontos são a minha lida,
Trabalho e int'resse a conquistar saber.
Já enxergo além a meta apetecida,
Serei um homem, vou enfim vencer.

5

De D. António força e luz espero,
Nos meus estudos para triunfar.
O meu Colégio sempre honrar eu quero,
Comigo a Pátria pode já contar.

Publicado no JORNAL DE BARCELOS, de 28/5/64
Musicado pelo Maestro Manuel Ferreira de Faria

HINO DO CÍRCULO CATÓLICO DE OPERÁRIOS

(A pedido de Manuel Martins Leal Pinto)

CORO

Cantemos, orgulhosos, nossa fé:
Só ela sobre o mundo dá vitória.
Nosso patrono é o justo S. José:
Com ele temos certa a infinda glória.

1

Que sejam Deus e Pátria seus amores,
Embora soprem ventos mui contrários,
É profissão que faz, sem vãos temores,
O Círculo Católico de Operários.

2

A Deus, Senhor Supremo, quer honrar;
A Pátria, nossa mãe, só quer servir.
O bem do que trabalha vai tentar,
No céu os olhos, fixos no porvir.

3

Ouvido atento à voz do Papa Leão
(Da Magna Carta do Trabalhador),
Pelo operário de Jesus irmão
Irá lutar com ânimo e vigor.

4

A homens e mulher's franqueia a porta,
Não olha à condição nem ao estado.
À prática da lei do amor exorta,
O bem-estar fomenta, alvoroçado.

5

Da Igreja e Estado chega a aprovação,
Quatro anos só o nosso sec'lo tinha:
É já septuagenária a Instituição,
Na terra que do Cávado é Rainha.

6

Fiel às duas dúzias de pioneiros,
Na linha do Evangelho de Jesus,
Padre Lamela evoca entre os primeiros,
Que foi da terra sal, do mundo luz.

Janeiro de 1976

Publicado no JORNAL DE BARCELOS, de 18/3/76,
e em O BARCELENSE, de 27/3/76

Musicado pelo Maestro Dr. Manuel Ferreira de Faria

HINO DO CENTENÁRIO DAS FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA

(A pedido da Superiora do Colégio Missionário Ultramarino de Arcozelo,
Irmã Umbelina Alegria Uriat, em 14/4/77)

CORO

Nós somos Religiosas Franciscanas,
Nós somos Missionárias de Maria...
Connosco vinde a Deus cantar hossanas,
Vivei connosco esta hora de alegria!

1

Lembramos os cem anos do Instituto,
À sombra de Maria e S. Francisco.
A Deus, se o houve, deve-se o bom fruto;
A nós, de o procurar, somente o risco.

2

Cem anos! Linda conta, numa vida
De bem fazer, sem nunca olhar a quem;
A ver de Cristo a imagem reflectida
No rosto dum irmão que passa além...

3

Cem anos! De minutos são milhões,
Vividos em amor a Deus e às almas,
Pobreza e virgindade em corações
E mais obediência, como palmas...

4

Cem anos de trabalho e oração,
De virgens consagradas ao Senhor,
Esposas sempre alegres na doação
De todo o ser a Cristo por amor...

5

Cem anos a pregar a Boa-Nova
Por terras de missão, o mundo além,
Em gesta heróica e santa, real prova
De quanto pode o amor em prol do bem...

6

Aqui, na linda aldeia de Arcozelo,
Quarenta e cinco anos já levamos...
(Será vaidade, acaso, vir dizê-lo?)
Amor e pão, verdade e bem 'spalhámos.

14/4/1977

Publicado em JORNAL DE BARCELOS, de 5/5/77,
e musicado pelo Padre José Fernandes da Silva

CORO DOS CAÇADORES

(A pedido do Padre José Fernandes da Silva, para ser cantado pelo seu Coral de Barcelos, em adaptação rítmica — a partir duma tradução francesa — do texto alemão que Weber musicou)

1

A pé, caçador, pois o dia não tarda:
Só mais um momento e o Sol nascerá;
Ladrou o Maneto, ganiu bem a Parda,
Já salta a Duquesa, saudando a manhã.

'Spingarda no ombro, cartuchos à cinta,
Nos pés botas de água, que há lama no chão...
Retouçam coelhos e lebres na quinta,
Perdizes aos bandos também surgirão.

2

Frescura da brisa, pureza das fontes
Os corpos deleitam e dão-lhes vigor.
Ecoam os tiros nas quebras dos montes,
Os cães não descansam nem tu, caçador.

Batidas ruidosas, de esp'rança e de gozo,
Por soutos e leiras, valados e chãs,
Alegres caçadas de Outono soalhoso
Das almas desterram ideias malsãs.

1/6/170

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 9/X/75

CANÇÃO AO LUAR

(A pedido do Padre José Fernandes da Silva, para uma música de Franz Schubert)

I

Põe-se o sol além do mar:
Pronto, a lua vem.
Há sombras de apavorar,
Silêncios também.

(Põe-se o sol e a lua vem,
Sombras negras,
Silêncios também).

Namorados vão surgir:
Sonham com o amor.
Jovens poetas hão-de vir,
Ler em seu palor.

(Namorados sonham amor.
Jovens poetas hão-de vir).

Marcha a lua cor de prata
Através do céu.
Nuvem frágil a recata
De alvacento véu.

(Marcha a lua pelo céu.
Passa nuvem
De alvacento véu).

Riem noivos com prazer,
Crentes no porvir.
Breve, o sol irá romper:
Tristes vão partir.

(Riem noivos, frente ao porvir.
Breve, tristes vão partir).

Lua casta, meiga lua
Vai-se despedir.
Já a aurora se acentua:
'Stá o sol a abrir.

(Meiga lua está a fugir:
Cresce a aurora,
Vai o sol abrir).

Novo dia enfim raiou:
Não há mais luar.
Eu também daqui me vou:
Sonhos vão findar.

(Veio o dia, foi-se o luar:
Belos sonhos vão findar).

31/XII/1978

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 24/V/79

II

MAIS OU MENOS SAGRADOS

PARA UMA COMUNHÃO DE CRIANÇAS

(A pedido do Padre Aniceto Martins Vieira Cardoso, pároco de Cunha e Arentim-Braga, em 1952)

1

Ao meu coraçãozinho
Q'reis baixar,
E sou tão pobrezinho,
Ó Deus do altar...

Mas vinde, vinde já,
Que eu vou dizer,
À luz desta manhã,
O meu querer...

Servir-vos toda a vida
Como ninguém,
Amar-Vos sem medida
No céu também.

Quisera, ó bom Jesus,
Dizer o amor
Que sinto em mim, a flux,
Por Vós, Senhor!

Vinde já ao meu peito
E dir-Vos-ei,
A versos pouco afeito,
O que pensei...

Servir-Vos toda a vida
Como ninguém,
Amar-Vos sem medida
No céu também.

Musicados pelo Padre Manuel Faria Borda —
Florilégio Eucarístico, Maio de 1952, e pelo
Dr. Manuel Faria — Cânticos para as Comunhões
Solenes, 1959.

SENHORA DO SOCORRO

(Letra pedida pelo Padre Manuel da Silva Lima, que a musicou)

CORO

Senhora, Mãe do Socorro,
Vinde-me já socorrer:
Sem Vós me perco, se morro;
ConVosco vivo a vencer.

1

A Senhora do Socorro
Não é devoção de agora;
Vem de séculos remotos,
Por essas terras em fora.

2

A Senhora do Socorro
Quis ter aqui um solar,
Pra seus dons e suas bênçãos
A toda a roda espalhar.

3

A Senhora do Socorro
Aqui a todos quer ver,
Alma em prece a suplicar,
Mãos postas a agradecer.

4

A Senhora do Socorro
Não diz que não a ninguém.
Mãe de Deus, que tudo pode,
É nossa Mãe: quer-nos bem.

5

A Senhora do Socorro
Sua capela deixou.
Também Jesus, pra salvar-nos,
Do céu à terra baixou.

1961

NOSSA SENHORA DAS NEVES

(Letra pedida pelo Padre Aniceto Martins Vieira Cardoso, pároco de Cunha e Arentim-Braga, para ser musicada)

1

Foi há sec'los, na Roma dos Papas,
Que o milagre da neve se deu.
Logo o mundo cristão festejou
O poder da Rainha do Céu.

2

De patrícios devoto casal
Como herdeira a Senhora quis ter...
E com preces pediram dissesse
Que deviam da herança fazer.

3

A Senhora das Neves bendita
Sobre um monte em pessoa desceu,
A indicar o traçado dum templo,
Com a neve que Agosto choveu.

CORO

Nossa Senhora das Neves,
Outro milagre fazei:
À humanidade em desordem
Paz e concórdia trazei.

1/6/1962

SENHORA DAS ÁGUAS SANTAS

(Letra pedida pelo Padre José Gonçalves Barbosa, que a musicou,
para a sua paróquia de Santa Eulália de Rio Covo)

CORO

Senhora das Águas Santas,
Boa Mãe de todos nós,
Cura os males de teus filhos,
Ouve e atende a sua voz.

1

Senhora das Águas Santas,
Mãe de Jesus — Água Viva,
Tua imagem nos encanta,
O teu olhar nos cativa.

2

Senhora das Águas Santas,
De mãos postas, a sorrir,
Quem Te reza tem esp'rança:
Suas preces vais ouvir.

3

Senhora das Águas Santas,
Devoção de longe vem.
Aceitaste-nos por filhos,
Escolhemos-Te por Mãe.

4

Senhora das Águas Santas,
Vê quanto mal aí vai:
Esta é surda, aquele é cego,
Este é mudo e não tem pai.

5

Senhora das Águas Santas,
Os que sofrem a Ti vêm:
Sara as doenças do corpo,
As almas salva também.

6

Senhora das Águas Santas,
Em Samaria ou Caná,
Vinho de boda, Água Viva,
É por Ti que nos virá.

7

Senhora das Águas Santas,
Honra e glória deste povo,
As melhor's bênçãos reserva
Aos filhos de Rio Covo.

Dia de Nossa Senhora de Lurdes

1967

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 12/2/76

REFÚGIO DOS PECADORES

(A pedido do Padre José Fernandes da Silva, para uma música de J. S. Bach)

Sou culpado:
Chorar a teus pés vim.
Meu pecado
'Stá sempre contra mim.
Mãe piedosa,
Alcança-me o perdão,
Mãe bondosa,
Penhor de salvação.

Mãe clemente,
Auxílio do cristão,
Penitente,
Imploro compaixão.
Tem piedade,
Não me abandones, Mãe...
Tem piedade,
De Deus a mão sustém.

Dia de Nossa Senhora de Lurdes

1967

CÂNTICO DE MEDITAÇÃO

(A pedido do Padre José Fernandes da Silva, para uma música de J. S. Bach, a cantar pelo seu Coral de Barcelos)

1

Verdade, rumo e vida
Me seja a Vossa lei.
Em fé e amor vivida,
Até Vós subirei.

Ouvi, Senhor, a prece
Que a Vós, humilde, vai.
Minha alma se entenece,
Eu sei, meu Deus, sois Pai.

2

Se a augusta lei medito,
Voar me sinto aos céus,
Nas asas do infinito,
Pairar bem junto a Deus.

Senhor, Vosso preceito
É luz, amor e paz.
Feliz, alegre o aceito,
Que tanto bem me traz.

23/IV/1970

BEM-AVENTURANÇAS

(A pedido do Dr. Sebastião Faria, S. J., na reunião da Comissão Arquidiocesana de Música Sacra de 8/2/72, para uma celebração baptismal)

REFRÃO

SOIS FELIZES, SE O VERBO DE DEUS ESCUTAIS
E COM ELE O VIVER, EM AMOR, CONFORMAIS.

1

São felizes os pobres em seu coração,
Pois o Reino dos Céus em herança terão.

2

É feliz todo o homem que humilde viver,
Porque a terra de Deus em herança há-de ter.

3

É feliz o que chora, na culpa ou na dor:
O consolo há-de ter do Supremo Senhor.

4

E feliz é também quem justiça anelar,
Pois terá mesa farta em banquete sem par.

5

É feliz quem dos outros piedade tiver:
Para ele outrossim compaixão há-de haver.

6

E felizes os puros em seus corações,
Pois de Deus hão-de ver os eternos clarões.

7

É feliz todo aquele que a paz fomentar,
Porque filho de Deus se virá a chamar.

8

É feliz quem plo jus perseguido vai ser,
Pois o Reino dos Céus por herança há-de ter.

9

E felizes sereis na calúnia por Mim:
Exultai, alegrai-vos, que o prémio é sem fim.

10/2/1972

Musicados pelo Padre Benjamim Salgado — Nova
Revista de Música Sacra, Ano II (1972), N.º 7.

HOSSANA! HOSSANA!

(Letra pedida pelo Padre José Fernandes da Silva, que a musicou para as visitas pastorais ao arceprelado de Barcelos)

CORO

Hossana! Hossana! ao nosso bom Pastor,
Ao nosso Pai na fé, ao nosso Guia...
Em cânticos saudemos de alegria
Quem nos visita em nome do Senhor!

1

Vem a nós o Pastor e Pai na fé,
De Jesus a visita a prolongar.
Recebemo-Lo em festa e com amor,
Para ouvir a mensagem salutar.

2

Vem a nós um dos Doze sucessor,
Paladino do bem e da verdade,
A lembrar a doutrina de Jesus,
O caminho da vera f'licidade.

3

Vem a nós em pessoa ou Seu Vigário,
O Primaz das Espanhas, Chefe amado,
Os canais para abrir da eterna graça,
Os remédios a dar-nos do pecado.

4

Vem a nós, corajoso e intemorato,
De arcebispos valentes sucessor,
Garantir-nos vitória com Jesus —
Do pecado e da morte Vencedor.

5

Vem a nós pra que o zelo nos inflame,
Não deixemos a Igreja de servir
E que a prece «a nós venha o Vosso reino»
Em acção procuremos traduzir.

28/X/1976

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 18/XI/76

OS SETE DONS

(A pedido do Padre José Fernandes da Silva, para as visitas pastorais
ao arceprelado de Barcelos)

CORO

Vinde e ficai, Espírito Divino,
De Vossos fiéis enchei os corações.
Puro Amor, inflamai em nós o hino
Da caridade em rútilos clarões.

V/. Enviai o Vosso Espírito Criador
R/. E a terra há-de brilhar e ter calor.

1

Senhor, mandai-me o dom da SAPIÊNCIA,
Dai-me a graça do Vosso ENTENDIMENTO:
O divinal compreenda e aprecie,
Penetre a fundo em Vosso testamento.

2

Não me falteis jamais com o CONSELHO,
Revesti-me da Vossa FORTALEZA,
Para que julgue pronta e firmemente
E avante leve o que é real grandeza.

3

Não me negueis, ó Pai, o dom da CIÊNCIA,
Fique cheia a minha alma de PIEDADE:
A criação entenda unida a Vós,
Seja pra mim de mel Vossa vontade.

4

Em mim repouse, ó Deus, santo TEMOR,
Por Vós tenha respeito, como filho:
Evite o mal e fuja do pecado;
Da paz, do bem, da luz percorra o trilho.

16/1/1977

Publicados em O BARCELENSE, de 5/3/77, e
JORNAL DE BARCELOS, de 12/5/77.
Musicados, com ligeiras modificações do texto
original, em ordem a melhor adaptação à música,
do referido Padre José Fernandes da Silva —
Nova Revista de Música Sacra, Ano IV, 2.^a série, N.º 2)

PARA UMA EUCARISTIA DE JOVENS

(Letra pedida e musicada pelo Padre José Fernandes da Silva—Nova Revista de Música Sacra, Ano IV, 2.^a série. N.º 4).

I

CÂNTICO DE ENTRADA

CORO

Florido e em luz eu vejo o altar de Deus,
Que a minha juventude alegre e anima.
Comigo vinde todos: lá em cima,
Jesus me espera mailos anjos Seus.

1

Eu sinto o meu pecado dentro em mim;
Por minha grande culpa fiz o mal...
Mas sei que vai tornar a ser Natal:
Terei perdão de Deus e amor sem fim.

2

A mesa da palavra foi erguida:
Falar-me vem do mundo a Eterna Luz.
Irá mais uma vez morrer na Cruz
O Corpo que há-de ser a minha vida.

3

Saudá-Lo quero, o meu Senhor e Deus,
Jesus, que por amor Se fez irmão...
E anseio recebê-Lo, feito Pão,
Pão Vivo, que desceu por mim dos céus.

Maio de 1977

Publicados em JORNAL DE BARCELOS de 29/3/79

II
CÂNTICO OFERTORIAL

CORO

Os dons que Vos trazemos com fervor
São pobres como nós.
De Cristo na patena, Deus Senhor,
São ricos para Vós,

E neles escondidos vão também
Defeitos e pecados.
Não temos mais que dar... Que pena têm
Os Vossos convidados!

1

Senhor! Vós bem sabeis que jovens somos,
De sonhos e de extremos...
Mas francos, generosos sempre fomos
E damos o que temos.

2

Trazemos alva toalha, que há-de ser
Lençol do bom Jesus,
E velas, cuja chama quer dizer
A fé que em nós reluz.

3

As flor's mais belas, frescas, perfumadas,
Vos damos, com amor,
E o pão e o vinho, espécies destinadas
A serem o Senhor.

Maio de 1977

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 5/4/79

III
CÂNTICO DA COMUNHÃO

CORO

Senhor! Eu tinha sede e tinha fome.
Lá fora estava frio, estava triste...
Mas Tu falaste e, firme, garantiste
Servir de alívio a quem Te bebe e come.

1

Teu corpo veio a mim: fiquei saciado;
Teu sangue recebi: senti-me forte.
ConTigo dentro em mim, venci a morte;
Pra sempre em meu viver morreu o pecado.

2

Estou contente (sabes?), mui contente;
Alegre, alegre, qual um rouxinol.
Quisera agora ser a luz do Sol,
Levar calor e vida a toda a gente.

3

Quisera ser de todos o melhor;
Mostrar, conTigo, quanto posso e valho,
Em casa ou escola ou posto de trabalho,
Na rua, praça ou granja, ao meu redor.

4

Rapaz ou moça, jovem mesmo idoso
(Não pesam anos, conta só o vigor),
Da Eucaristia vem provar o amor,
Da Mesa Santa vem sentir o gozo!

Maio de 1977

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 12/4/79

IV

CÂNTICO FINAL

CORO

Irmãos! A Missa não findou pra nós;
Agora, vai-nos ser fermento e vida.
Em casa, no descanso, estudo ou lida,
Por força que de Deus será a voz.

1

Seremos mais amigos, mais irmãos,
À luz do Verbo Eterno que escutámos.
A Ele unidos, como à vide os ramos,
Daremos frutos sempre bons e sãos.

2

Mensagem de verdade, amor e luz
Havemos de levar a toda a parte.
Proclamaremos, com esforço e arte,
Justiça e paz, por mor da Santa Cruz.

Maio de 1977

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 19/4/79

V

PROMESSA

(Letra pedida pelo Padre José Fernandes da Silva, para uma Eucaristia de Jovens, e musicada pelo Padre Benjamim Salgado — Nova Revista de Música Sacra, Ano IV, 2.^a série, N.º 4).

CORO

Senhor! Eu Vos confio o meu porvir,
A Vós e à Pátria dou o meu querer.
Esforços mil, a fim de a Lei cumprir,
Serenos e humildes, venho prometer.

1

Minha palavra sempre honrada ser,
Em mim verdade toda a gente ver.

2

Em tudo e pra com todos, como ideal,
Ser franco, ser sincero, ser leal.

3

Diariamente, a boa acção fazer
E a quantos me rodeiam útil ser.

4

Sem excepção, de todos ser amigo;
No peito a cada irmão trazer comigo.

5

Nos outros ver de Deus a semelhança:
Num jovem, num velhinho, numa criança.

6

Os animais e plantas respeitar;
Com toda a criação, a Deus louvar.

7

A quantos o mandar impõe dever,
Perfeito, alegre e pronto, obedecer.

8

Alegre sempre, até na dor sorrir,
Por todos bom humor a difundir.

9

Ser sóbrio na comida e no beber;
Não malgastar, do alheio não viver.

10

Ser puro nas palavras, nas acções;
Não ter desejos, sonhos de vilões.

a

Viver em graça e amor, fugir do mal;
Servir a Santa Igreja e Portugal.

b

Volver os olhos sempre mais acima,
Em voo de asas brancas, que redima.

c

Em casa ser de todo o melhor;
Meu grupo procurar fazer maior.

Maio de 1977

INTRODUÇÃO À PALAVRA

(Letra pedida para uma melodia alemã, harmonizada pelo Dr. Manuel Ferreira de Faria — Nova Revista de Música Sacra, Ano V, 2.ª série, n.º 6)

1

Ouçamos a palavra
De Cristo Nosso Senhor,
Que vem trazer a mensagem
De fé, esp'rança, amor.

2

Jesus é o caminho,
Verdade e vida sem par.
Remiu-nos com o Seu sangue,
A todos quer salvar.

3

Sigamos a doutrina
Que Deus nos vem relembrar.
Busquemos novos alentos
Na fonte salutar.

4

O Espírito derrame
Seu fogo nos corações
E em nós destrua o pecado
E vença as más paixões.

CORO

Vinde, bom Jesus,
Vossa paz nos dai.
Teremos nova luz,
Iremos por Vós ao Pai.

15/V/1978

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 22/3/79

OH! VINDE, SENHOR JESUS

(Versos pedidos pela Comissão Arquidiocesana de Música Sacra e musicados pelo Padre Manuel de Faria Borda — Nova Revista de Música Sacra, Ano V, 2.^a série, n.º 7)

CORO

Vinde, Senhor, não tardeis
E dai-nos a Vossa luz.
Deus-connosco, Rei de paz,
Oh! vinde, Senhor Jesus.

1

Eis a voz que proclama no deserto:
Preparai os caminhos do Senhor.
Levantai a cabeça, que está perto
De Israel e Judá o Salvador.

2

Vossos dias passai em vigilância,
Vossas horas transcorram na oração.
Não vos falte paciência nem constância:
Aproxima-se a vossa redenção.

3

Brotará de Jessé um ramo novo,
De Sião o Senhor virá reinar.
Ele vem pra salvar a todo o povo:
Despertai, que o seu dia está chegar.

4

De teu Rei o poder se manifesta:
Ergue ao céu teu olhar, Jerusalém.
De Jacob e Israel o que inda resta
Voltará ao Deus forte, pra seu bem.

5

Despertemos do sono, que o Messias
Como orvalho das nuvens vai descer.
Anunciam de sempre as Profecias
Que da Virgem Maria irá nascer.

10/10/1978

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 21/XII/78

DOXOLOGIA

(A pedido do Padre José Fernandes da Silva, para uma melodia do «Catholiches Gesangbuch — 1975, a ser cantada pelo seu Coral de Viatodos)

Glória ao Pai, Senhor e Rei,
Criador de céus e terra!
Anjos e homens bendizei
Todo o amor que Deus encerra.
Reverentes entoai:
Glória! Glória! Glória ao Pai!

Glória ao Filho, Deus também,
Luz da Luz e Verbo eterno!
Cantem todos, mundo além,
Seu real poder superno.
Ao divino Redentor
Glória! Glória! Honra e louvor!

Glória ao Santo Paracleto,
Puro Amor substancial!
Traduzamos nosso affecto
Em hossana filial.
Ao Espírito, Deus-Amor,
Glória! Glória! Glória e louvor!

6/1/1979

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 7/6/79

AO CRUCIFICADO

(A pedido do Padre José Fernandes da Silva, para um Coral de J. S. Bach,
a ser cantado pelo seu Coro Paroquial de Viatodos)

1

Meu Senhor, meu bom Jesus,
Levas Teu madeiro...
Vou pegar também na cruz,
Ser-Te companheiro.
Cireneu desejo ser,
Ajudar-Te agora:
Junto a mim Te quero ter
Na última hora.

2

Vou beijar com todo o amor
Tuas santas chagas.
Eu bem sei, Jesus Senhor,
Que tudo me pagas.
Teu divino coração
Foi pra mim aberto.
Tenho nele a salvação,
Pós refúgio certo.

3

A pensar, Jesus, em mim,
À cruz Te abraçaste.
Hei-de amar-Te até ao fim,
Tal qual Tu amaste.
Quero ser o bom ladrão:
Ficarei conTigo.
Tu me dás o Teu perdão:
Sempre Te bendigo.

9/1/1979

Publicados em O BARCELENSE, de 28/4/79,
e no JORNAL DE BARCELOS, de 10/5/79

PEQUENOS E HUMILDES

(Letra pedida pela Comissão Arquidiocesana de Música Sacra e musicada pelo Dr. Manuel Ferreira de Faria).

CORO

Pequenos e humildes somos nós.
Por isso, não deixamos de pedir
Saúde, amor, ciência, protecção.
Agora e aqui, gritamos, alta voz:
Que os grandes nos ajudem a seguir
Caminhos de virtude e salvação.

1

Embora inda crianças, bom Jesus.
Sabemos que desceste lá dos céus.
Nasceste em Belém; cantaram Anjos:
Na terra paz aos homens! Glória a Deus!

2

Embora inda crianças, bom Jesus,
Sabemos Vossa vida em Nazaré,
De submissão humilde e jubilosa
À Virgem Mãe e ao justo S. José.

3

Embora inda crianças, bom Jesus,
Sabemos que pregastes o Evangelho.
A todos destes paz, amor, perdão;
Ninguém Vos procurou sem ter conselho.

4

Embora inda crianças, bom Jesus,
Sabemos Vosso amor aos pequeninos;
Que aos homens prometestes dar o céu,
Se fossem cá na terra quais meninos.

5

Embora inda crianças, bom Jesus,
Sabemos Vossa angústia na Paixão;
Como por nós morrestes num madeiro,
Quanto custou a nossa redenção.

6

Embora inda crianças, bom Jesus,
Sabemos Vosso triunfo sobre a morte.
Ressuscitado em glória para sempre,
Aos homens dais penhor da mesma sorte.

7

Embora inda crianças, bom Jesus,
Sabemos Vossa glória na Ascensão.
Subistes para o Pai, a preparar-nos
Feliz morada em divinal mansão.

8

Embora inda crianças, bom Jesus,
 Sabemos que aos Apóstolos mandastes
 O Vosso Espírito de amor e luz
 E em toda a terra os homens renovastes.

9

Embora inda crianças, bom Jesus,
 Sabemos que quisestes cá ficar.
 Na Eucaristia, o Pão dos Anjos destes,
 Pra ser dos homens celestial manjar.

10

Embora inda crianças, bom Jesus,
 Sabemos só quererdes nosso bem.
 Por isso, no Calvário, nos deixastes
 Pra Mãe dos homens Vossa própria Mãe.

11

Embora inda crianças, bom Jesus,
 Sabemos só mer'cerdes gratidão.
 Por tudo vimos hoje, muito gratas,
 A dar-Vos em retorno o coração.

24/IV/1979 (*Ano Internacional da Criança*)

JESUS E AS CRIANÇAS

(Letra pedida pela Comissão Arquidiocesana de Música Sacra e musicada pelo Dr. Joaquim Gonçalves dos Santos).

REFRÃO

Deixai os pequeninos vir a mim,
Pois hão-de ter o reino que é sem fim.

1

Neste ano dedicado às criancinhas,
Vamos ouvir palavras do Senhor:
Quem se fizer humilde como elas
No reino celestial será o maior.

2

Ouvi-Me todos. Fala o Vosso Deus.
Minha palavra nunca pode errar.
Se não voltais a ser como crianças,
Jamais no reino eterno haveis de entrar.

3

Respeito imenso tende aos pequeninos,
De desprezar um deles vos livrai,
Porque seus anjos, lá nos altos céus,
Contemplam sempre a face de Meu Pai.

30/IV/1979 (*Ano Internacional da Criança*)

HINO DOS COROS PAROQUIAIS

(Letra pedida pela Comissão Arquidiocesana de Música Sacra
e musicada pelo Maestro Dr. Manuel Ferreira de Faria)

CORO

Em coro altissonante e majestoso,
Se juntem nossas vozes nesta hora.
Ao Deus Senhor, ao Todo-Poderoso,
Cantemos, jubilosos, mundo em fora.

1

Servimos nossa Mãe, a Santa Igreja,
Louvando a glória do Senhor dos céus.
Queremos toda a gente em nós só veja
Que somos filhos a rezar a Deus.

2

Cantamos com a voz e o coração,
Com alma ardente, límpida, confiante.
Pedimos que também o nosso irmão
Connosco sua prece a Deus levante.

3

Servimos Deus na Santa Liturgia,
Fiéis às directrizes do Pastor,
Levando a paz, a luz e a alegria
A quantos vêm à Casa do Senhor.

25/IV/1979

PARA UMA EUCARISTIA DE CRIANÇAS

(Versos pedidos e musicados pelo Padre Serafim Coelho, para o seu Coral Infantil de Lijó)

I

CÂNTICO DE ENTRADA

CORO

Eis-nos, Jesus,
Ao pé do altar.
A Vossa cruz
Nos vai salvar.

1

Somos crianças,
Jesus Senhor,
Cheias de esp'ranças,
Ricas de amor.

2

Nas horas altas,
Fazemos bem.
Mas muitas faltas
Quem as não tem?

3

Nossos pecados
Nos perdoai:
Purificados,
Vamos ao Pai.

II
CÂNTICO DO OFERTÓRIO

CORO

De almas abertas
E com prazer,
Nossas ofertas
Vimos trazer.

1

Toalha de linho,
Cera de abelhas,
Rosas vermelhas,
Pão trigo e vinho...

2

Nossas riquezas
Das alegrias;
Das tropelias
Nossas tristezas...

3

'Stão colocados
Sobre a patena,
Com dor e pena,
Nossos pecados.

4

ConVosco estamos,
Por Vós vivemos:
Tudo o que temos
Hoje Vos damos.

III

CÂNTICO DA COMUNHÃO

CORO

O pão se fez o Corpo de Jesus,
Em Sangue converteu-se o nosso vinho.
Já temos provisões para o caminho.
No Céu iremos ver a infinda Luz.

1

Vamos, irmãos,
À comunhão,
Buscar a graça
Da salvação.

2

Vamos crescer
Na fé, no amor
E na esperança
De Deus Senhor.

3

Nas nossas almas,
Nosso viver,
Toda a virtude
Vai florescer.

4

Seremos fortes,
Justos e bons.
Aumentaremos
Os sete dons.

5

Vinde ao Sacrário,
Irmãos e amigos:
A Eucaristia
Vence os perigos.

6

Ganhamos força,
Novo vigor,
Para chegarmos
A Deus Amor.

7

Só quem comer
O Pão dos Céus
Ressurgirá
No fim com Deus.

8

Neste banquete
Dá-Se o Senhor,
Da glória eterna
Firme penhor.

9

Vinde também
Vós, os mais velhos,
Viver doutrina
Dos Evangelhos.

10

Nós, os pequenos,
Q'remos Jesus,
Nosso amiguinho,
Amor e luz.

IV

CÂNTICO FINAL

CORO

Lá fora, em todo o lugar,
A Missa vai prosseguir.
Cristo, imolado no altar,
A todos há-de remir.

1

A mensagem escutámos,
Recebemos o Senhor.
Pelo mundo agora vamos
A espalhar verdade e amor.

2

Nós subimos para a vida
Como esp'ranças do porvir.
Vinde, amigos, para a lida:
Mundo novo irá surgir.

29/9/1979

(Ano Internacional da Criança)

TERCEIRA PARTE

VERSOS ESPONTÂNEOS

I

TROVAS À TOA

TESTAMENTO DE JUDAS

1940

(A primeira parte foi feita pelo Manuel Vaz)

Seja a primeira doação
Ao dono das «patriotas»...
A gasolina está cara?
Dou-lhe um vagão de canhotas.

Ao Camilo dou de herança
Minhas calças de cotim.
Meu babeiro de criança
É prò compadre Delfim.

Deixo ao vesgo do Minguinhos
A minha armação sem lentes
E ao Tónio de Vizela
Um frasquinho e quatro pentes.

Deixo ao Nino Francisquinho
«Da Populaça os Anais»,
A «História Calamitatum»,
«A parte rei» nada mais.

Ao Bininho de Zebra!,
O meu estojo de engraxa:
Escova, tinta, pomada,
O lustrador mais a caixa.

Ao Barros deixo um selim
E todo o apetrecho inteiro,
Para que, ao correr em pêlo,
Não derribe o cavaleiro.

Um conto deixo de reis
Ao Nel Jaquim de Vinhós,
Pra meter em Rilhafoles
Um Zé à solta entre nós.

As minhas cuecas velhas
São prò Santos Joaquim.
Deixo a minha cabeleira
Ao Sá Rodrigues Delfim.

Ao fafense Zé Pereira,
De mil pipas um tonel,
Pra «envinegrar» o bandulho,
Quando vier prò «quartel».

O Joãozinho de Arnoso
Desejo pô-lo num ring
Ou vê-lo assinar a ficha
Plo Benfica ou Sporting.

Dou-lhe, pois, as minhas luvas,
Minhas botas chutadeiras,
Umas meias e calções,
Camisola e joelheiras.

Deixo ao Monteiro Baptista
Uma boneca que fale,
Que diga papá, mamã,
Que ria, chore e se cale.

Lego ao Frade, ao Capuchinho,
Um tabuleiro de damas;
Ao Furtado, dois colchões
E ao Carlos Silva, três camas.

O meu burro lazarento
Tenho o prazer de deixar
Ao Clemente lá de Paços,
Um Sancho Pança a matar.

Ao aéreo do Toucinho,
O Observatório da Serra,
Pra ver se encontra na Lua
O que não acha na Terra.

Aos que nada receberam
Desta tão minguada herança,
A esses (coitados!) deixo
Os restos da minha pança.

Viva o Judas! Morra o Judas!
Passe por lá muito bem...
Que tenha boa viagem
E prò ano cá nos tem.

NA CASA DE POMBAL — 1

(S. Vicente de Paços — Fafe)

Perdoe a Mirita
Uma coisita
Que vou fazer.
É atrevimento
Que de momento
Tem de esquecer.

O cavaquinho
Está sozinho,
Desamparado.
E a companhia
Bem lhe fazia
Ao desgraçado.

Se fosse um bombo,
Qual outro pombo
Para arrulhar,
Não estava mal,
Mas no «pombal»
Não pode entrar...

Seja um pandeiro
Dum pagodeiro
Que aqui passou.
Aceite a of'renda,
Tão linda prenda,
Que embora vou.

E toque e ria,
Com alegria,
Satisfação.
O cavaquinho
E o pandeirinho
Amigos são.

Não há quesília
Nem isto é fita,
Mas arraial...
Pela família,
Pela Mirita,
Pelo Pombal.

31/7/1943

NA CASA DE POMBAL — 2

(S. Vicente de Paços — Fafe)

Outra vez em arraial,
Nós viemos ao Pombal,
A fazer uma visita.
Saudamos a sua gente,
O povo de S. Vicente
E a sempre alegre Mirita.

À Senhora D. Ema
Estamos agradecidos,
Uma vez mais, obrigados,
Por sermos bem recebidos,
Outra vez tão bem tratados.

E, depois, estes rapazes
Só sabem fazer barulho,
Só dão canseiras, cuidados.
Em Setembro como em Julho,
Eles cá estão hospedados.

Não 'squeceram o Pombal,
Com as noites de arraial
Que passaram da outra vez.
Gostaram de S. Vicente,
Do seu vinho, sua gente,
Da borga que aqui se fez.

Se fizeram bem ou mal
Só a gente do Pombal
É que o poderá dizer.
Nem eu sei o que pensar...
Portanto, pra não errar,
Limito-me a agradecer.

E neste agradecimento
Vai também o pensamento
Prà Senhora Dona Amélia
E mais pra Dona Letícia.
São três flor's, uma delícia:
Rosa, violeta, camélia.

A todas nós desejamos
Saúde e prosperidades,
Vida longa e f'licidades...
Vamos, rapazes, bebamos,
Que este vinho só faz bem...
E, depois, dizei: AMÉN!

2/8/1945

*BRINDE IMPROVISADO NA MISSA NOVA DO
PADRE JOSÉ MARIA MIRANDA AVIZ PEREIRA
DE BRITO*

SILVA-BARCELOS, 5/9/43

Agora que me vêm levantado,
Fiquem sabendo que trago o meu recado.
Não falo como pregador,
Pois não quero provocar-lhes nova dor...
Nem falo como conterrâneo e condiscípulo mais vizinho,
Que outro poder se levanta mais altinho.

Nem lembro feliz coincidência,
Pra não alvoroçar a assistência,
O facto de serem nossos pais da mesma freguesia,
Embora eu nascesse em Arcozelo
E o Padre Brito na Maior Santa Maria...

Nem falo pra lembrar os seus discursos,
Que causavam inveja a muitos outros «ursos»,
Conquanto lhe faltasse, como ele dizia, a voz canora
(E o controlo do entusiasmo, digo eu agora).

Eu entro já no assunto,
Pra não maçar mais o bestunto
De quem, doente como eu, tiver pouco unto,
A ponto de parecer o cadáver dum defunto.

Falo como membro activo
Dum grupo recreativo,
Que deu cartas nos bons tempos de estudantes...
Por lhe saber o nome Vocências 'stão mortinhos.
Pois bem! Vou fazer-lhes a vontade, quanto antes.
Esse grupo recreativo,
De que fui membro activo,
Chamou-se «Sociedade dos Gatinhos»...

(Meus Senhores, por favor 'stejam calados,
Senão eu digo — digo ou não digo? —
Não digo, não, mas penso
Que já estão muito molhados,
Pra não dizer que estão bem avinhados...).

Ora façam favor de desculpar,
Pois, não obstante, eu quero terminar.

É em nome dos «gatinhos» buliçosos
(Que, sem miar, passavam lindas horas,
Em tardes de recreio
Ou em dias de passeio)
Que eu te apresento votos sinceros, jubilosos,
E te peço desculpa dos «emboras»...
O mesmo faz o Padre Zé Miranda,
Que até já parece o mestre duma banda.

Eu ergo, finalmente, a minha taça
(Que lamento não seja uma cabaça)
E, como bom «gatinho»,
Vou apenas lamber só um golinho...

5/9/1943

NA MISSA NOVA DO P.^e DOMINGOS ARAÚJO
PEREIRA DE CARVALHO

PAINZELA - CABECEIRAS DE BASTO, 26/IX/1943

Pediram para me levantar,
Mas nem sei se deva falar...
Em todas as Missas Novas tenho falado
E estou a ver que continua o triste fado.
Umhas vezes, apresentam pra razão
O facto de ser regente do Orfeão.
Outras vezes, dão como motor
A má sina de ter sido o pregador.
Noutras, a tudo isto
(Pois, está visto,
Continua o triste fado):
—Ó João,
Pois então,
Tens de falar,
Não podes objectar,
És do mesmo arciprestado!

Ora essa! Ora essa, meus Senhores,
Pois hoje não existem tais motores!

Mas, já que o fado continua e me levantei,
Não volto atrás, embora não seja rei.

Para começar,
Eu quero saudar
O novo sacerdote,
Que me convidou
(E eu aqui estou)
Prà missa e prò missote.

E passo a referir
Umhas palavras interessantes
Que me disse um Superior do Seminário,
Quando éramos ainda estudantes.
Não é para rir
Nem nada de extraordinário.
Quem não gostar
Engula sem mastigar...

— «Aquele Domingos Carvalho
Sempre me saiu um madraço...
Não-te-rales como um chasco
E fino como um alho...
O rapaz tem bom ouvido e boa voz,
Mas prefere tocar no clarim a sós...».

De facto, assim era,
Do Verão ao Outono,
Do Inverno à Primavera.
Aos livros nem por isso se agarrava:
Era da forma que se não matava.
— O tempo (dizia ele) sempre há-de chegar,
Se não for para estudar,
Pra ir piano tocar,
Que uma soneca no fim de jantar
Dá saúde e faz medrar.

Que o digam doutro tempo os estudantes,
Pois o que se fazia ontem já se fazia dantes.

Mas parece que está tudo admirado
De lembrar tal coisa neste comício...
Pois olhem que não é nenhum mau vício,
Mas antes uma boa qualidade,
Porque, se ele já se tivesse matado,
Por certo não chegava a esta idade.

Eu levanto, pois, a minha taça
(Que bem podia ser uma cabaça)
Em honra do Padre Domingos,
Que também é de Carvalho,
E, já que isto,
Pelo visto,
É assim pouquinho,
Vou, muito devagarinho,
Sorver deste orvalho
Só mais uns pingos.

Ui! como isto escorrega. Safa!
Olá! Senhor da garrafa,
Pode vir o segundo,
Porque foi até ao fundo
E eu quero terminar.
Pra não se incomodar,
Não pretendo a taça cheia:
Basta duas vezes meia...

Como dizia

(E já quase me esquecia),

Não obstante tudo isso,

Já de si melhor do que chouriço,

O Padre Domingos foi sempre bom rapaz:

Humilde, piedoso, obediente,

Um perfeito donzelo, sempre sorridente,

Serventual para toda a gente,

Coração de oiro, espírito sagaz.

Nem lhe faltava a graça da piada,

Fina, caridosa, delicada,

Que fazia rir a nossa rapaziada

E não tinha nada de salgada.

Mas é tempo de acabar,

A fim de não mais maçar

Quem me tem 'stado a aturar.

Exaltando estas belas qualidades
E desejando-lhe as maiores felicidades,
Eu ergo, uma vez mais, a minha taça
(Que até devia ser uma cabaça),
Pra brindar ao Padre Domingos,
E, como aos pingos
Esta coisada
Não nos faz nada,
Vou bebê-la duma assentada
(E só tenho pena que isto não leve uma canada)...

Mas, antes de o fazer,
Alto e bom som vou dizer:
Ela arriba! Ela arriba! Ela!
Pelo padre novo de Painzela!
Alho arriba! Alho arriba! Alho!
Plo mesmo Padre Domingos Carvalho!

26/IX/1943

JANEIRAS EM GAMIL

I

Viva o dono desta casa,
Que é da Junta o Presidente,
E mais a sua senhora,
Uma mulher excelente.

Viva também o Manel,
Um arranjo pra qualquer.
Só lhe falta o automóvel,
Para ser um bom chofer.

Agora viva a Maria,
Que um dia freira há-de ser.
Viva igualmente o José,
Para os leilões nos fazer.

Viva também nesta festa
Joaquim mais a Rosinha.
Viva o garoto do Tone
E a esperta da Isaurinha.

31/XII/1957

II

1

Vimos dar as Boas-Festas
Ao Senhor José Barbosa:
Possa jogar muita «bisca»
E ao Reverendo dar tosa.

2

Que vá tirar os ladrões,
Mas sem a escada subir;
E tenha os pipos bem cheios,
Pra beber e repartir.

3

À Senhora Doroteia
Desejamos Boas-Festas
Possa comer e beber
E tenha as pernas mais lestras.

4

Veja sempre as jornaleiras
A cuidar das batatinhas;
Possa escolher os feijões
Com suas boas mãozinhas.

5

Boas-Festas vimos dar
À nossa q'rida T'resinha.
Do coração desejamos
Tenha melhor saudinha.

6

Deus lhe dê muita paciência
Pra levar a sua cruz;
No meio do sofrimento,
Diga sempre: Amen, Jesus!

7

Queremos prò Senhor Cunha
Que a saúde entre na norma;
Se não puder trabalhar,
Que lhe dêem a reforma.

8

Que havemos de desejar
À sempre alegre Glorinha?
Que com toda a sua gente
Só faça boa farinha.

9

À Cilinha desejamos
Que seja de muito siso;
Não dê desgostos aos seus,
Estude sempre o preciso.

10

Se mais alguém 'stá em casa,
Também queremos saudar.
A todos, com muita estima,
Boas-Festas vimos dar.

11

Se querem abrir a porta
E nossa sede matar,
A torneira da cozinha
Basta pôr a funcionar.

REFRÃO

Cantamos Janeiras
Aos nossos amigos.
Se tiverem nozes,
Tragam também figos.

31/XII/1978

PRETOGUÊS NA TV

Quer's aprender a falar,
Combater a reacção?
Não precisas de estudar:
Vai ouvir televisão.

O Português aprender,
Para a dinamização?
Podes os livros vender:
Vai ouvir televisão.

Pois, portanto, quer dizer
São as três palavras-chaves.
É preciso responder
Ou ficarás a ver naves.

Tudo fala minha gente,
Nem que seja em *Pretoguês*.
A Língua está indecente?
E mais será cada vez.

Pois o que importa é falar,
Chamar nomes, dizer mal...
Assim se há-de levantar
Este novo Portugal?

Março de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 5/6/75

OS INOCENTINHOS...

1

Inda eu era muito moço,
Fui de joelhos ao estrado.
Por comer a sopa toda?!
Por ser mui bem comportado...

2

Estive no Limoeiro!
Por mal me ter comportado?!
Duas vezes num domingo,
Por ir à missa ao Chiado...

3

Mais tarde (lembro-me bem),
Fui parar dentro da grade,
Só por isto, nada mais:
Dar vivas à liberdade...

4

Pouco depois (vejam lá!),
Té fui parar a Caxias.
Lá passei dezassete anos,
Cinco meses e três dias.

5

Não foi por roubar um Banco,
Vender mar'juana ou haxixe...
Se apanhei pena maior,
Foi somente por ser fixe.

6

Nunca armei à zaragata,
Não fui revel ou bombista.
'Stive preso tantos anos?!
Só por sombras de marxista...

7

Eu também vou ser sincero.
Porque fui prò Tarrafal?!
Por me ter portado bem?
Por me ter portado mal.

Abril de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 8/5/75

TACHISTAS

Quando reinava o Marcelo,
Inchavas de informador.
Agora manda o Otelo:
— Ai! nunca fui, não, senhor!

Disse alguém, anos atrás,
Que nem sequer eras homem...
Agora, tanto lhe faz
Que só perdidos te abonem.

Se de vergonha metade
Do que te sobra em maldade
Houvesse em ti, charlatão,

Apanhavas a perua,
Não punhas os pés na rua,
Vendavas esse latão.

1/5/1974

Publicados no JORNAL DE BARCELOS, de 22/5/75

NOS CAMPOS DE FUTEBOL

1

Isto agora anda bonito
P'los campos de futebol...
Já eram muitas as feras,
Mas vai aumentando o rol.

2

Não escapam vedações,
De nada vale a polícia.
Por nada perde a cabeça
E só destila malícia.

3

Porque o árbitro falhou,
É um patife, um ladrão.
Um homem não pode errar?
Por força tem de ser cão?

4

Por que enjeitaste o apito
Tu que não erras jamais?
Se não te sabes conter,
Aos estádios por que vais?

5

Ouve: és homem dos estádios,
Ou és homem das cavernas?
Deixa-me cá ver a bola;
Vai aos copos pràs tabernas...

6

Eu q'ria se dessem bem
Os filhos da mesma mãe,
Batessem palmas aos seus
E aos de fora também...

7

Então, sim, valia a pena
Assistir ao futebol...
Como sorver ar's na serra
Ou na praia apanhar sol.

Maio de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 19/6/75

MODOS DE VER

1

— Ó Maria, ora ouve cá:
Tu achas que isto vai bem?
— Agora ganhamos mais...
— Mas não juntamos vintém...

2

— Não digas isso, meu Zé,
Que até preso podes ser.
— Antão não há liberdade
De tudo a gente dizer?!...

3

É que eu ando azoratado
E começo a desconfiar...
O MFA 'stá seguro
Da sua avante levar?

4

— 'Stá seguro? Seguríssimo!
Não há raio que o detenha.
Prà frente é que é o caminho,
Ou lá vai carga de lenha...

5

Com MFA devo estar
E com tudo que ele quer.
Não vês que agora ser homem
Não é mais que ser mulher?!...

6

— Ai, sim?! Agora percebo...
Quer's que eu vá lavar a louça!...
Mas... concordo! Tu irás
Roçar mato para a bouça.

Junho de 1975

QUEM SERÁ?

1

Lá nos seus tempos de escola,
Inda havia outros mais burros,
Mas era ele o mais vaidoso
E foi o rei dos casmurros.

2

Diante de muita gente,
Se lhe era dado apar'cer,
Ficava todo contente
E logo o dava a entender.

3

Agora é muito mais povo
O que tem de o enfrentar...
Que admira se um sorriso
Há sempre em seu rosto alvar?!

4

O pai dele usava Grenha,
Ele q'ria ser Loureiro:
Tanto teimou, discutiu
Que um dia fez de pandeiro.

5

Fez vascas, esperneou,
Mas, casmurro, não chorou,
Por vencido não se deu
E Grenha nunca assinou.

6

Era um ricaço o seu pai,
Mas homem de poucas letras.
Queria o filho engenheiro,
Médico ou doutor de tretas.

7

— Inda hei-de ser muito mais...
General ou coronel
Nunca serei, não, senhor;
Ficarei em furriel.

8

No liceu não tirou curso.
Foi prà vida militar.
À custa duns encontrões,
A sargento foi parar.

9

— Agora daqui não saio,
Sou um sargento primeiro,
Dizia, ufano e casmurro,
O casmurro do Loureiro.

10

Direis: é tolo! Diz ele:
Não tenhais pena de mim;
Como eu há tantos no mundo
Que a conta não terá fim.

Julho de 1975

Publicados em Jornal de Barcelos, de 28/8/75

BRINCAR COM QUEM BRINCA

As minhas trovas à toa
(Desabafos de momento)
Às vezes nem são pensadas,
São apenas sentimento.

Outras vezes, leio e oiço
Coisas que fazem pensar...
E não tomo aquilo a sério:
Dá-me também pra brincar...

Brinco então coas brincadeiras
De quem brinca a coisas sérias.
O seu brincar são asneiras,
O meu brinquedo são lérias...

Setembro de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 11/9/75

FIGURAS DO 25 DE NOVEMBRO

1

Aqui pra nós (não estranhes!):
Gosto pouco de Ramalho...
Mas já te digo porquê:
Só por rimar com Carvalho.

2

Muito mais gosto de Eanes
(Quem Português felicite-o),
Pois aos Saraivas mostrou
Que inda «los tien en su sítio».

3

Não terá por ascendente
Gil do Cabo Bojador,
Que das lendas tenebrosas
Dissipou o vão terror?

4

Vence Ralis e P. M.,
Por todos se expõe à morte,
Elimina «convergências»
E restitui-nos o norte.

5

Manda anular juramento
Feito à russa, contra a lei,
Com palmas de Fabianos,
Longe do sentir da grei.

6

Quem é que abateu a grimpa
E deu pra trás nos narizes
Desses carrascos sem par,
Mais que pidescos Dinises?

7

E então, novel democrata,
Que direi do Jaime Neves?
Dá-lhe graças e louvores:
Não fazes mais do que deves.

8

Louvarei Pires Veloso,
O comandante nortenho?
Sabe formar os soldados,
Qual um minhoto ferrenho...

9

E que tal o Sousa e Castro,
Capitão de trinta e um anos?
Não te parece um Nun'Álvares
Da Ala dos Veteranos?

10

Não gosta de brincadeiras
O Pinheiro de Azevedo;
Não receia desafios
O Almirante-Sem-Medo.

Novembro de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 29/7/76

BRINCADEIRA DE ANIVERSÁRIO

ESCLARECIMENTO

Em casa do Padre José de Cardaval Marinho e durante um jantar de aniversário, para a oferta duma policromia algo atrevida, tipo «República Portuguesa», que um colega aproveitara dum calendário brasileiro, onde servia de chamariz (e o aniversarante, nada satisfeito com a inocente brincadeira, eliminou, acto contínuo) foram feitos «ad hoc» e recitados os versos seguintes:

Podias ter chegado a Regedor,
Ser Provedor
Ou coisa equivalente,
Deputado, Juiz ou Presidente,
(Quem sabe lá?), Ministro até das Pescas...
Erraste a vocação, meu caro amigo;
Por isso (podes crer no que te digo),
Ficaste por aqui e és somente
O Padre Zé, abade de Trilescas.

Ainda assim, lá metes o bedelho
Nessa «coisada» toda, como gão ^{tu} senhor.
Desde Belém aos Paços do Concelho,
Ninguém te escapa, seja novo ou velho,
Pra ouvir batida ou pra fazer favor.

Trabalhos duros, longas caminhadas,
Em prol das gentes sempre precisadas,
Tem sido a tua sina nesta andança.
Da Terra, do Concelho e da Nação
Por certo que mer'ceste a gratidão:
Vais ter o prémio, sem haver tardança.

Sonhei-o eu... e, de pincel e guache,
Pintei o sonho em cores bem garridas...
E que me importa que qualquer o ache
Pintura ousada, linhas atrevidas?!

É ela,
A donzela,
A pública mulher,
A pátria-mãe,
Mãe de muitos filhos,
A recompensar, Padre Zé, os teus cadilhos;
Sorrindo, donairoso,
Olhando para ti, maliciosa,
Estendendo a mão,
Para te apertar ao coração,
E te dar, em galardão,
O bispado de Vailam-Bersa-Bão...

Perdoa, amigo, que eu pintasse o sonho,
Agora realidade que não falha:
O abade de Trilescas, tão bisonho,
Riso a Ministros, porras à canalha,
Pela «repucra», toda gratidão,
Feito bispo de Vailam-Bersa-Bão...

Trilescas, 1957

ADITAMENTO:

Que me venham cá dizer
Que também não és do Povo,
Que não passas dum fascista,
Que te encheste como um ovo;
Que eu lhes respondo por ti,
Que bem sei o teu viver,
Que contigo convivi:
Que nunca foste tachista,
Que a todos mandas, com raiva,
Que se vão lá prò Saraiva...

3/9/1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 2/X/75

O VITELLO DA ROSINHA

Ó meu rico S. Francisco,
Amigo dos animais:
Tende pena do vitelo,
Mandai levá-lo a seus pais.

Ele é muito choramingas:
Já chorou por um patrão.
De chorar mais é capaz,
Se lhe cortais a ração.

Dizem que de longe veio:
Não é salto de cavalo.
A Rosinha gosta dele:
Pode ser ela a levá-lo.

Se for precisa uma jaula,
Sabe ela como fazer:
Continua sempre a rir-se,
Prò vitelo adormecer.

Ó meu rico S. Francisco,
Amiguinho de animais:
Dai um gostinho ao vitelo,
Mandai levá-lo a seus pais.

28/XI/1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 4/XII/75

QUEIXUMES DO OLIVAL

1

Mais uma vez 'stá em causa
Esta zona do Olival.
Não 'stava bem no fascismo,
Mas agora está bem mal.

2

Mais de um milhar de pessoas,
Para ao burgo poder ir,
Só de jipe ou botas altas.
Credo na boca, a tinir.

3

Em tempo de MDp,
Abriu pavimentação.
CDFOI lá foi ao caldo,
Começou a estragação.

4

Acaso tudo vai mal,
Porque entrou o PPD?
Ou isto é «terra molhada»,
Porque falta o PCP!?

5

Ele é lama às toneladas...
São covas de metro e meio...
Toda a gente revoltada,
A protestar forte e feio...

6

Ora exp'rimente vir cá,
À minha casa, no norte...
Garanto-lhe, Presidente:
Vai falar mal, feio e forte.

7

Um «calças arregaçadas»,
Dona Elvira de saudade,
É capaz de cá chegar,
À arrabaldina cidade...

8

Mande pra aqui cascalhada
(Dois camiões vão chegar);
Três cantoneiros baratos
Hão-de um caminho arranjar.

9

Entretanto as «avenidas»
Continue a calcetar...
E o PSD (isso é certo)
Mais votos há-de alcançar.

2/X/1976

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 4/XI/76

AUSTERIDADE?

Quer's ver gastar luz à toa,
Pra nos levar à falência?
Vai ao Campo 25,
Ao Posto da Previdência...

Quem a energia não poupa,
De riqueza em estendal?
Podes ver com teus olhinhos:
Câmara Municipal...

Ora vê, para evitares,
Outro atentado à poupança:
(Não gostas, mas tens de ir lá)
Repartição da Finança...

Outro exemplo negativo,
Bem contrário aos bons propósitos?
(Muita gente por lá passa)
Caixa Geral de Depósitos...

E que vês por esses Bancos,
«Nacionalizados, nossos»?
Toca a gastar energia!
Vai-te, carne! Ficam ossos...

E continua a TV
A pedir que haja poupança...
Acendam-se as luzes todas!
Vira o disco! Siga a dança!

E cá pra nós: a TV
Já começou a poupar?
Não haverá mil programas
Que podia eliminar?

Novembro de 1976

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 16/XII/76

SE....., SOU FASCISTA!

(Ao Zé Maria, na inauguração da sua casa pelos condiscípulos)

Se construístes uma casa
De bom gosto e bela vista,
'Stás quilhado: vão dizer
Que não passas dum fascista.

Se não engrenas nas «amplas»,
Te envergonhas de anarquista,
Tens o destino marcado:
És mais um reles fascista..

Se não alinhas a sério
No partido comunista,
Já sabes qual o dilema:
Só podes ser um fascista.

Se pertences ao P. S.,
Inda que sejas marxista,
Não foges ao vitupério:
És um nefando fascista.

Se és social-democrata
(Um antigo pepedista),
Não te livras de escutar:
Aqui 'stá mais um fascista.

Se ficas mais à direita
E te orgulhas de centrista,
Então engrossam as vozes,
Pra te chamarem fascista.

Se defendes o Ramalho
Contra a era gonçalvista,
Não faltará quem te chame
Um refinado fascista.

Se recusas pactuar
Com essa tropa golpista,
Tens a sentença ditada:
És hediondo fascista.

Se cumpres o teu dever
E não assinas a lista
Dos que trabalho não querem,
Vão-te acoimar de fascista.

Se és português verdadeiro,
Seguro nacionalista,
O menos que vais sofrer
É chamarem-te fascista.

*

Se quer's que o teu inimigo,
Por não ter razões, desista,
Responde em bom português:
Vai à verda! Sou fascista!

7/8/1077

Publicados no JORNAL DE BARCELOS, de 8/9/77

II

HOMENAGENS

A — NO ANIVERSÁRIO

AO SENHOR
DOM ANTÓNIO BENTO MARTINS JÚNIOR

(Preito filial e dedicação omnímota)

Um ano são dois dias em que o de hoje
Prà conta já não entra, pois passou...
Um ano é um momento que nos foge,
Pois, quando começava, se acabou.

Um ano mais! Na dura caminhada,
Quantos passos difíceis e penosos...
Um ano menos! Sonhos deleitosos
Findaram ao romper da madrugada...

Mas, quando a vida é toda bem vivida,
De olhos fitos além, na eternidade,
Rolam os anos, cresce a saudade
Da Pátria nossa, terra prometida.

Há mágoa e dores? Lágrimas e cruz?
E sangra o coração em tal labor?
Também Calvário teve o bom Jesus
Todos os dias, e, num só, Tabor...

E depois..., animados, sem temer,
Bem prestos à chamada hão-de acorrer,
Se preciso, num'rosos Cireneus...

A cruz até ao fim será levada,
Pra Jesus, a grei nossa conquistada,
Reinará sobre a terra o Rei dos céus.

Que o belo dessa cruz, pra Vós, Tabor
Em cada dia seja, bom Pastor,
E o peso dividir possais connosco...

São votos que ora faço ao Rei da vida,
É prece de minha alma ao Céu erguida...
Ad multos annos... seja Deus conVosco!

5/5/1944

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 7/XI/74,
com a segunda quadra modificada

NUM ANIVERSÁRIO DE
D. JOAQUIN MESTRE CRESPO

1

Com que então o D. Joaquin,
Também caiu nessa asneira,
Tão banal, tão corriqueira,
De se aproximar do fim?!

2

Ora bolas, mais melões!
Também anda aos encontrões,
Por os outros ver andar?!
Deite já mãos aos travões,
Às calças corte os botões,
Senão... como o hei-de apanhar?

3

Fazer anos?! Nesta altura?!
Acaso o racionamento
Não abarcou esse artigo?!
Não se meta em tal fundura...
Cuidadinho! Ganhe tento!
Veja bem o que lhe digo...

4

Nestes tempos em que estamos,
 Fazer anos é coisinha
 Que até já passou de moda...
 E prò fim depressa vamos,
 Com certeza, certezinha,
 Se pomos a andar a roda.

5

Portanto, muita cautela!
 Não caia nessa esparrela
 De fazer anos tão bastos...
 Faça-os bem mais espaçados,
 De cinco em cinco, aos bocados,
 Pra não haver tantos gastos...

6

Não acha bem?! Ora pois!
 'Steja sério, não se ria...
 (Isto só pra nós os dois)
 Toda a gentinha por cá
 Há muito que faz assim...
 E dá-se bem. Não sabia?
 É verdade, D. Joaquin.
 Ora exp'rimente e verá...

7

Há-de gostar, com certeza.
Depois mo há-de dizer...
Deixe, pois, tal madureza,
Anos não volte a fazer...
Ou faça-os mais espaçados,
De cinco em cinco, aos bocados...

8

Se não gostar da receita,
Não a tome, porque amigos
Sempre havemos de ficar.
E então (coa maleita!)...
Faça anos a fartar,
Que nem se possam contar,
Duma ceira como os figos...

9

Parabéns, mil parabéns
Lhe manda desta assentada
Este amigo que conhece.
Deus o cumule de bens,
Lhe faça a vida adoçada,
Como deseja e merece.

P. S.

Desculpe, D. Joaquin,
Esqueci-me de assinar.
Não faça caso, que «mim
Gostar» sempre de brincar.

1/XI/1944

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 3/X/74

SALVE, 29/4/52!

(A D. Maria Beatriz de Miranda Vasconcelos)

Fazer anos só tem graça,
Se a graça de Deus se tem.
Vai-se o tempo e tudo passa,
Só o céu espera além.

Continue a fazer anos,
Sempre na graça de Deus...
Acabando os desenganos,
Começa o reino dos céus.

29/4/1952

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 7/XI/74

SALVE, 31/8/74!

(A Maria da Conceição Linhares de Figueiredo)

À minha rica Conchita,
Na festa dos seis aninhos,
Dedico esta lembrancita,
Com abraços e beijinhos.

Só desejo (nada mais)
Que toda a gente me diga:
É obediente aos pais
E dos manos muito amiga.

27/8/1974

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 12/9/74

SALVE, 28/8/74!

(A José Manuel Gonçalves, nos seus dezassete anos)

1

Ao confrade Zé Manel,
Dos Arcos um grandalhão
(Em ossos e coração),
À falta dum bom pastel
E dumas «sandés» de mel,
Essas quintilhas aí vão.

2

Um ás no jogo das cartas
(Bisca de nove ou sueca),
Quando tem as mãos bem fartas,
Faz rir Fernandas e Martas
E pisca o olho a um careca.

3

Com a água a dezassete,
Toma banho por engano.
Mais fria medo lhe mete,
Mesmo se o sol nos derrete
E nos faz tirar o pano.

4

É um ponto o Zé Manel,
Um compincha sem igual,
Bem bom em qualquer papel,
Pràs outras sempre de mel,
Prà mana sempre de mal.

28/8/1974

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 12/9/74

SALVE, 15/9/76!

(A José Barbosa Pereira Júnior)

1

Ao santo desta festaça,
Que também usa Pereira,
Vou dedicar uns versinhos,
À laia de brincadeira.

2

Bom filho de gente humilde,
Cedo foi trabalhador.
Começou por serviçal,
Em casa de lavrador.

3

Foi às sortes e serviu:
Té andou na Grande Guerra.
Não sabe como escapou
E pôde voltar à terra.

4

Casou com boa mulher,
Muitos filhos teve e bons.
A família é toda unida,
Com netos de vários tons.

5

Serviu ainda o patrão
Que não é bom pagador,
A cantoneiro de estradas,
Por chuva, frio e calor.

6

Reformou-se tarde e mal,
A mais a sua patroa.
Graças a Deus, vai vivendo
E inda tem pra vinho e broa.

7

Lá em cima numa escada,
Até parece um rapaz.
Em qualquer jogo de cartas,
Mostra bem do que é capaz.

8

Em copas, solo ou sueca,
É mesmo um dos valentões.
Na fina bisca de nove,
Já me ganhou três tostões.

9

Com entradas rabugentas,
Saídas de bom humor,
Em memórias é um barra,
Em piadas, grão senhor.

10

Vou levantar minha taça
Aos dois carros e mais um.
Bebamos todos à uma,
Pois a alegria é comum.

11/9/1976

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 16/9/76

SALVE, 18/1/77!

(A D. Doroteia Duarte Rosa)

1

De dois carros passa um ano
A Senhora Doroteia.
Inda parece uma moça,
Entre as jovens desta aldeia.

2

Anda agarrada à bengala,
Mas está melhor sentada.
Bem disposta e mais feliz
No meio da filharada.

3

Onze filhos estão vivos
Dos quinze que deu à luz.
São todos tão seus amigos
Que nem foi pesada a cruz...

4

Os netos até dão pulos,
Quando a avó vêm visitar,
E redobram de alegria,
Se uns dias podem ficar.

5

Dá-se bem com seu marido
(É como os anjos com Deus).
São felizes cá na terra
E hão-de sê-lo nos céus.

6

Quando eu entro em sua casa,
Vê-se bem, fica contente.
Até parece que sou
Um qualquer da sua gente...

7

Não tem mais que me fazer.
Até presentes me dá...
Ao despedir-me, diz sempre:
— Não demore a voltar cá!...

8

Se o rosário até ao fim
Pretendesse desfiar,
Receio que a tarde inteira
Não chegava pra acabar.

9

À Senhora Doroteia
Minha taça vou erguer.
Deus lhe dê melhor saúde
E mais anos pra viver.

16/1/1977

SALVE, 20/3/78!

(*A Lucília Maria Pereira Filipe da Cunha*)

À nossa amada Cilinha,
Festejando os treze anitos,
Desejo com amizade
Dedicar estes versitos.

E neles vai uma súplica,
Feita de amor e carinho:
Que jamais, em tua vida,
Dês um desgosto ao paizinho.

Também te quero pedir,
Minha querida Cilinha,
Que sejas sempre um amor
Prà tua boa mãezinha.

Na primavera da vida,
No raiar da juventude,
Cresce em vigor e ciência,
Mas inda mais em virtude.

Que Deus te cubra de bênçãos,
Te ampare com sua graça
São votos que ora fazemos,
Ao erguer a nossa taça.

20/3/1978

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 30/3/78

SALVE, 2/7/78!
(A Teresa Duarte Barbosa)

1

Na festa do aniversário
Da nossa cara T'resinha,
Vou celebrar-lhe o fadário,
Em versos de lavra minha.

2

Muito nova foi servir
Pra longe da terra-mãe.
Trabalhava sempre a rir
E a cantarolar também.

3

Nunca estava mal disposta,
Toda a gente lhe era amiga.
Se andava mouro na costa,
Lá botava uma cantiga.

4

Mãos de fada no serviço
De dentro, como lhe chamam,
Parece que tem feitiço,
Se qualquer outro reclamam.

5

Mais tarde foi prà cozinha:
Era a sua vocação.
Tornou-se uma primeirinha,
A causar admiração.

6

Do que as outras deitam fora
Sabia fazer pitéus.
Convidados sobre a hora
Não provocavam 'scarcéus.

7

Conheceu poucos patrões,
De todos faz a defesa.
Contra más acusações
Nenhuma vi mais acesa.

8

Mas a saúde faltou,
Quando sorria o porvir.
Muitas lágrimas chorou,
Por não poder mais servir.

9

Voltou a casa dos pais,
A fazer-lhes companhia,
E agora sofre inda mais
Por se julgar sem valia.

10

A sorrir ou a gemer,
Aqui e ali deita a mão.
Alguma coisa fazer
Só lhe dá satisfação.

11

Mas tenho de terminar,
Que já 'stou a ser carraça.
À T'resinha pra brindar,
Vou erguer a minha taça.

Julho de 1978

SALVE, 4/VI/79!

(A D. Maria de Oliveira Faria)

Dois carros, segunda-feira,
Fez a Senhora Maria.
É uma das «raparigas»
Desta linda freguesia.

Anda sempre atarefada:
A trabalhar 'stá melhor.
Bem disposta e mais ainda
Se os filhos tem ao redor.

Teve mais. Onze estão vivos
E melhor's não pode haver.
Até os olhos se riem,
Quando à beira os pode ter.

São todos tão seus amigos,
Nenhum sabe distinguir.
Os netinhos são na mesma,
Todos gostam de cá vir.

Muito mais dizer podia,
Ele era um nunca acabar...
Mas não quero aborrecer
E são horas de brindar.

Viva, Senhora Maria!
Minha taça vou beber...
Que o Senhor lhe dê saúde,
Muitos anos pra viver.

10/6/1979

B — NOUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA

ÀS JUVENTUDES BARCELENSES

Juventude de Barcelos,
Leda e altiva mocidade,
Cantaria os teus anelos
De tornar sempre mais belos
Os anos da tua idade.

Neste mar encapelado,
Levanta-se o coração
Dum bairrista imoderado,
Que tinha o sonho doirado
De fazer-te uma canção.

Mas... a pobre fantasia
Mais que nunca endureceu:
Em vão com seus olhos via
A multidão que se erguia
Para Quem por nós morreu.

Mas, longe de recuar,
Para a frente, pra vencer!
Porque, pra Jesus reinar,
Muito é preciso lutar.
Eia, avante e não temer!...

Ressoe por toda a terra,
E não só na lusa grei,
Este são grito de guerra,
Que um hino de amor encerra:
VIVA JESUS CRISTO REI!

Publicados em O BARCELENSE, de 14/VIII/1937

A NOSSA SAUDAÇÃO

(Dedicado à Associação Académica de Barcelos)

Eu vi-te e gostei muito, gente nova,
Do teu lutar, repleto de beleza,
E com agrado (para quê a tristeza?)
Resolvi dedicar-te linda trova.

Mas como, se da lira preguiçosa
As cordas se partiram com rudeza?
Não sei o que fazer nesta incerteza...
E já as faces sinto cor de rosa.

... ..

Nessa tarde de vida, luz e glória,
Em que tu batalhaste com ardor,
Não foi injustamente, por favor,
Que os loiros recebeste da vitória.

Venceste — isso é verdade — facilmente,
Numa luta de todo desigual,
Mas nós, talvez sem mesmo dar por tal,
Perder soubemos, nobre e honradamente.

Mil parabéns pra ti, Associação,
Pelo teu feito, belo e glorioso...
Ao grupo teu, invicto e valoroso,
Envio calorosa saudação.

Publicados em O BARCELENSE, de 3/9/1938

BARCELOS EM SONHOS

— Ó rio belo e sereno,
Tão ameno,
Que estás sempre a cochichar,
Que dizes da tua Dona,
Que me ensona
Com seu garrido trajar?

— Essa dama tão formosa,
Meiga rosa
Do jardim de Portugal,
É a mais linda Princesa
(Luz acesa
Do Minho no castiçal)...

— Ó barquinho sobranceiro,
Tão fagueiro,
Que deslizas sem parar,
Que dizes em tom sincero
(Eu te impero)
Da minha terra, meu lar?

— Esse mui lindo torrão,
Meu irmão,
De que me pedes notícias,
É canteiro divinal,
Sem igual,
Paraíso de delícias.

— Ó cardumes de peixinhos,
Tão lindinhos,
Que volteais sem cessar,
Satisfazei meus anelos,
De Barcelos
Vindo-me novas contar.

— Essa terrinha ditosa,
Donairoza,
Jovem cidade tão bela,
Não parece térreo solo,
Mas, sem dolo,
Do paraíso uma tela...

Publicados em O BARCELENSE, de 13/VIII/1938

À MARIA EUFRÁSIA DE ARAÚJO,

(Para o Álbum de Finalistas do Magistério Primário, a pedido do Padre António Joaquim Areias da Costa, em 4/6/66)

I

1

Alegre, pediste
Uns versos finais.
Alguém fica triste,
Porque lá te vais.

2

Enfim, lá te vais,
Contente por tudo:
Terás os teus pais,
O noivo e o «canudo».

3

O noivo e o «canudo»
Há muito esperavas...
(Será que me iludo?)
Cos pais não contavas.

4

Não contavas, não?
Maior alegria!
E a boa da tia
Anda num «festão».

II

5

Uns versos finais,
Alegre, pediste.
Porque lá te vais,
Alguém ficou triste.

6

Ficam tristes as colegas,
Neste hora da despedida;
E tu também (não o negas...),
Que principia outra vida.

7

Que direi das companheiras
Do vosso grupo coral?
Vão chorar noites inteiras...
Não podes querer-lhes mal.

8

Vão chorar as criancinhas
De Sant'Iago da Cruz:
Se tantos cuidados tinhas,
Para as levar a Jesus...

III

9

Maria Eufrásia, pediste,
Alegre, uns versos finais.
Mas alguém vai ficar triste,
Porque agora lá te vais.

10

Principia outra vida, lá te vais...
És Professora, já possuis «canudo».
Terás à tua beira irmãos e pais;
Virá o noivo. Sê feliz!... É tudo.

5/6/1966

AO SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Escutai, D. Francisco: tive pena
De Vós, da Santa Igreja perseguida;
Dentro de mim a revolta é mal contida,
A pensar nos cristãos na grande arena...

Que interessa cão pequeno ou grão vitelo,
Se em ambos é igual a hidrofobia
Que mata a liberdade, democracia
De quem à união só faz apelo?

Quem Vos deu forças para tal sofrer?
Jesus Vos disse: Filho Meu, não chores,
Que a ti os algozes deixam os menores;
A Mim despiram tudo... estás a ver?

Quanto sofrestes na alma e coração!
Quanto sofremos todos nós também!...
Mas o mal pagaremos com o bem:
Tanto sofrer não há-de ser em vão...

Foi um engano!... Foi. Também os pides
Mil vezes se enganaram os coitados...
Quem sabe até se foram contratados
Fugidos de Alcoentre, pra tais lides...

Vós já lhes destes liberal perdão;
Não lhes guardamos nós qualquer rancor:
Em vez da lei do ódio, a lei do amor
Pregou Jesus — vivemos tal lição.

Agosto de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 14/8/75,
e O BARCELENSE, de 16/8/75

À DR.^a MANUELA HERMÍNIA GUIMARÃES
FARIA PINHEIRO, na sua licenciatura

À q'rida Manuela Hermínia
(A mulher mais bem vestida
De Barcelos à Bitínia)
Presto a homenagem sentida.

Bem vestido o corpo belo,
Mais o intelecto ficou;
Por isso, em preito singelo,
A f'licitá-la aqui estou.

A Manuela, bem disposta,
Compreende este brincação...
Não anda mouro na costa,
Há apenas reinação.

28/8/1975

Ao DR. FERNANDO ANTÓNIO CARVALHO DE
ANDRADE, que honra as tradições cirúrgicas de
Barcelos

Eu te exalto, famoso cirurgião,
Tudo confirmo o que dizer ouvi.
Não falhou, também hoje, o bisturi
Nem teu saber (ou arte) foi em vão.

Que não era tua fama sem razão
Depressa e facilmente descobri.
Minha confiança ilimitada em ti
Nem por sombras traduz adulação.

Que Deus ajude sempre os teus esforços,
Não tenhas de sentir quaisquer remorsos
E seja bem-fazer o teu caminho.

Que todos, como eu faço neste dia,
Possam dizer, gritar com alegria:
Curaste-me, Fernando! Obrigadinho!

Hospital de Barcelos, 5/IV/1976

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, A VOZ DO
MINHO e O BARCELENSE, da primeira semana
de Maio de 1976

BODAS DE PRATA SACERDOTAIS

(Ao meu abade e antigo aluno Padre José Carlos da Costa Seara)

De século é um quarto já passado
Que os cimos escalaste da ladeira
E ao Pai, no altar bendito, a vez primeira,
Ofer'ceste o Cordeiro Imaculado.

De Prata às Bodas eis-te enfim chegado,
Erguendo ao Céu sacerdotal bandeira
E pronto a ser, durante a vida inteira,
Dos filhos desta terra o pai amado.

Eu te saúdo, padre do Senhor,
De Deus ministro, sacerdote eterno...
Eu te celebro, meu abade e amigo.

Mil graças ao Munífico Dador,
Ao Filho Incriado como ao Pai Superno
Daremos todos... Seja Deus contigo!

13/9/1977

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 22/9/77

BODAS DE PRATA MATRIMONIAIS
de Maria Madalena Freitas e Francisco Duarte Pereira

Vinte e cinco de casados,
Em paz e boa harmonia,
É motivo para festa,
É razão para alegria.

Estão pais, estão irmãos,
Familiars e amigos.
Uns são novos e bem jovens,
Outros já são mais... antigos.

Não quis Deus que também filhos
Alegrassem vosso lar.
Só Ele sabe os porquês
E não tem contas a dar...

Bodas de Prata fazeis...
Haja festa! Haja alegria!
Quando fizerdes as de Ouro,
Queremos ser companhia...

17/9/1977

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 22/9/77

NAS BODAS DE OURO MATRIMONIAIS
de Alexandrina Pereira Alves e Rogério da Costa
SALVE, 22/10/1977!

Amigos: meio século volveu
Sobre o dia em que unistes os destinos.
De gratidão e amor, alegres hinos
Das vossas almas sobem hoje ao céu.

Há cinquenta anos, novo lar nasceu,
Sob os auspícios dos olhar's divinos.
Dos descendentes, mesmo pequeninos,
Ao regozijo venho unir o meu.

Quero também gritar a simpatia,
Estima, apreço, amor, veneração
Que, felizes, sentimos pelos dois

E dizer: continuai em harmonia,
Cumpri, até ao fim, vossa missão...,
Que o prémio eterno haveis de ter depois.

20/10/1977

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, A VOZ DO
MINHO e O BARCELENSE, da semana seguinte

BODAS DE OURO DE RELIGIÃO

Meio sec'lo de vida religiosa
Não é pra toda a gente dom de Deus;
É graça do Senhor bem dadivosa,
Que quero celebrar em versos meus.

São dez lustros de entrega generosa,
Por Francisco e Maria, ao Rei dos céus,
A cultivar a pedra preciosa,
Da tentação vencendo os escarcéus.

Às cinco jubiladas deste dia
(Eustáquia, Josefina e Salomé,
Com a Maria Elvira mais Juanita)

Quero dizer bem alto que a alegria
Em nossas almas vibra... e já, com fé,
Das Bodas de Diamante espera a dita.

18/3/1978

DEUS E NÓS CONTIGO

*(Nas Bodas de Prata Paroquiais, em Fonte Coberta,
do Padre António Duarte Miranda)*

Vinte e cinco anos! Oh! que linda conta,
Na vida dum pastor com seu redil...
E mais ainda, se a verdade aponta,
Ao Evangelho sem roubar um til.

Vinte e cinco anos! Lida acesa e pronta,
Serviço à Igreja, de alma juvenil,
É dom sagrado, que até Deus remonta,
A motivar de todos graças mil.

Por isso aqui viemos, Padre António,
Bodas de Prata, alegres, festejar,
De coração mui grato e bem amigo.

Por certo, nas profundas, o demónio,
Com seus aliados, há-de esbravejar...,
Mas Deus está, e estamos nós, contigo.

23/XII/1978

Publicados em O BARCELENSE e A VOZ DO MINHO,
de 13/1/79

Nas Bodas de Diamante Natalícias e Bodas de Ouro
Sacerdotais de MONSENHOR CIRILO ANTÓNIO
DE FIGUEIREDO

Anos setenta e cinco se passaram,
Em vida sempre cheia de virtude.
No sacerdócio, todo juventude,
Servindo a Deus, dois terços já findaram.

No Seminário, vossas mãos plasmaram
Ministros do Senhor que não ilude.
Muitas dezenas, inda agora, amiúde,
Exaltam mestre e amigo, que estimaram.

Obra discreta e humilde, mas valiosa,
Na Renascença (quem se lembra dela?)
Ou Senhora da Ajuda, vosso amor,

E a pastoral, prudente e canseirosa,
Em Gilmonde, Faria e Paradela,
Celebram vosso nome, Monsenhor.

27/6/1979

Publicados no DIÁRIO DO MINHO, de 30/6/79,
e em JORNAL DE BARCELOS, A VOZ DO MINHO e
O BARCELENSE, da primeira semana de Julho

A MONSENHOR
ALBERTO DA ROCHA MARTINS

Nos púlpitos do Norte e mais além,
Teu verbo firme, límpido, empolgante,
Mui depressa o orador impôs brilhante,
Que tanto a nossa terra honrado tem.

Se centenas de jovens são alguém,
Que não teme o futuro vacilante,
A ti o devem, pedagogo andante,
Porque lhes deste com a ciência o bem.

Apóstolo do livro e do jornal,
A Igreja tem servido e Portugal
De Dume e de Barcelos o Prior.

Agora recebeu o galardão:
O Santo Padre o fez seu Capelão,
O título lhe deu de MONSENHOR.

Publicados em DIÁRIO DO MINHO, de 10/7/79;
no JORNAL DE BARCELOS, de 12/7/79; em A Voz
DO MINHO e O BARCELENSE, de 14/7/79

O QUE PENSAMOS E SENTIMOS

(Para as moças de Gamil, no Cortejo de Oferendas a favor do Novo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Barcelos — 30/XI/1969)

CORO

Meu pensamento
Num só momento,
Lanço ao papel:
Com tal cortejo,
Já antevejo
Novo Quartel.

1

Quem não conhece,
Não enaltece
Os seus Bombeiros?
P'lo semelhante
Vão sempre avante,
São os primeiros.

2

São Voluntários,
Em riscos vários,
De noite e dia.
Por isso, a gente
Com eles sente,
Neles confia.

3

Toca a sirene,
Triste e solene,
Chamando à lida?
Que ninguém tema,
Pois é seu lema
«Vida por vida».

4

O fogo avança,
(Macabra dança),
Tudo destrói?
Contra ele corre,
Combate e morre
O nosso herói.

5

Ossos partidos,
Membros feridos,
Corpo a sangrar?
Sai a ambulância,
Vence distância
Para o salvar.

6

A febre é alta,
O sangue falta
A um irmão?
Ei-lo aparece,
Pronto se of'rece
Prà transfusão.

7

Nós vos saudamos,
Vos exaltamos
Da paz soldados.
Contai connosco.
Somos convosco.
Muito obrigados!

Publicados em O BARCELENSE, de 22/XI/1969

A NOSSA OFERTA

(Para as moças de Gamil, no Cortejo de Oferendas a favor do Novo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Barcelos — 30/XI/1969)

1

Dos Bombeiros (quem não sabe?)
«Vida por vida» é o lema.
Quantos, pra salvar os outros,
Já findaram seu poema.

2

São heróis em luta acesa
Contra o fogo roubador.
Salvam vidas, salvam bens,
Aliviam nossa dor.

3

Sinistrados e doentes
Vão levar aos hospitais.
Empenhados andam sempre
Em fazer melhor e mais.

4

Foi por isso que viemos,
Por dever de gratidão:
Com amor amor se paga,
Diz o povo e tem razão.

5

Satisfeitos e alegres,
Trazemos a nossa oferta.
Não somos muitos nem ricos,
Mas estamos sempre alerta.

6

É batata, feijão, milho,
Em cestinhos a primor;
De pinheiros e eucaliptos
Carregámos um tractor.

7

Somos gente de Alconchel,
Castanheira e Machadinhos,
De Trás-d'Agra e do Casal,
Das Quintãs e dos Moinhos.

8

Vem a Pena, Torre e Monte,
Lavadouros e Jardim,
Xisto, Igreja, Ceba e Viso:
É Gamil até ao fim.

9

Os Bombeiros de Barcelos
Novo Quartel hão-de ter:
As suas primeiras pedras
Vimos hoje aqui trazer.

Publicados em O BARCELENSE, de 29/XI/1969

AO BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

(Quadras soltas)

A sirene toca a fogo,
Ou o sino no campanário?
Deixa tudo e pronto acorre
O Bombeiro Voluntário.

Seu lema é «Vida por Vida»;
Água e fogo, o seu fadário.
O nome, todos o sabem,
É Bombeiro Voluntário.

— Quem é capaz de morrer
(Como Cristo no Calvário),
Para salvar os irmãos?
— O Bombeiro Voluntário.

— Soam clarins e tambores...
— Não é guerra, meu rapaz!
São Bombeiros Voluntários,
São os Soldados da Paz!...

1978

C — DEPOIS DA MORTE

A VOSSA E A MINHA DOR

(No passamento de D. Maria Armell Ivars)

Se à planta um ramo cortam, logo chora

Em tristes ais...

O vosso coração, de dor, nesta hora,

Sofre inda mais.

Da mãe que o filho perde em luta heróica

Se é grande a dor,

A vossa, meus amigos, mais estóica,

Inda é maior.

O mar, tão grande, até parece imenso

No seu vaivém...

O vosso coração, de dor (eu penso)

É mar também.

Do esposo e filhos quase imensa é a dor

Pla esposa e mãe.

A minha é muito igual (bem que menor),

Pois lhe era «alguém»...

Chorai, choremos juntos sua morte,
Olhar nos céus.
De lá, a todos nós aponta o norte,
Amigos meus.

No peito amortalhada a minha dor
Eu bem quisera...
Contá-la muito a sós a Deus Senhor
Ai quem me dera!

Chorar lágrimas quentes, escaldantes,
Dentro de mim...
E, quando Deus quiser, aos céus distantes
Subir enfim...

31/8/1948

DEVER DE GRATIDÃO

(In memoriam do Dr. Mário Queirós)

De pé, morreste, o próximo a salvar,
Na linha de combate contra a dor.
Enfermos, aos milhar's, seja onde for,
Hão-de teu nome, gratos, recordar.

Também a pena bem soubeste honrar,
Em luta por mais paz, verdade e amor.
Tuas «consid'rações» igual louvor
A sanha vil lograram concitar.

Lutaste pela terra e pela grei,
Sofreste com quem sofre, eu bem não sei,
Embora não faltasse incompreensão.

Clemente seja Deus para contigo
É prece que ora faço, bom Amigo,
Dever também de infinda gratidão.

31/3/1976

Publicados em O BARCELENSE, de 3/4/76

NA MÃO DE DEUS...

(Ao Dr. Abel Augusto Almeida Carneiro)

Partiste, Abel! Acabo de o saber...
Tomei da pena e quis fazer poesia.
De alma a sangrar, com versos eu queria
(Santo Deus!) reprimir o meu sofrer.

Dizei-me já, Senhor, por que há-de haver
Tamanha e tanta dor em cada dia?!
Por que baixou tão cedo à terra fria
Quem tanto bem podia inda fazer?!

Partiste, Abel! Ficou-nos a saudade
Da convivência sempre fraternal
Dum recto coração, dum verbo quente.

Que mais agora, em nossa pouquidade,
Do que rezar, à moda de Quental:
Na mão de Deus, descansa eternamente?!

9/I/1977

Publicados em CARDEAL SARAIVA, de 14/1/77

À MINHA PROFESSORA DE INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA

(Preito de saudade e gratidão)

Mulher nervosa, viva, inteligente,
Com ela os algarismos aprendi,
Fazer primeiras letras consegui
E ler, pouco depois, correntemente.

Ricos ou pobres, todos igualmente
Sempre tratou, conforme bem senti.
Colher de pau jamais nas mãos lhe vi,
Embora lho chamasse falsa gente.

No Campo de Dom Carlos comecei,
De São José no Campo terminei
Estudo que os futuros me firmou.

A Mestra inesquecível quero honrar;
Seu nome venho, grato, publicar:
Dona Lucília Nunes se chamou.

1/5/1979

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 28/6/79,
e em A VOZ DO MINHO e O BARCELENSE, de 30/6/79

AO PROF. AVELINO AIRES DUARTE
ESCOLA PRIMÁRIA COMPLEMENTAR

(Homenagem de saudade e gratidão)

Linhas, figuras, áreas, medições,
Regras de três e cálculos mentais,
Raízes e potências, equações,
Descontos, juros, fórmulas gerais...

Músculos, nervos, órgãos e funções,
Classes, famílias, plantas, animais,
Forças, espelhos, lâmpadas, pressões,
Símbolos, bases, ácidos e sais...

Eis amostra de ensino já distante
Dum Mestre que o futuro me traçou;
De voz austera, grave, penetrante,

Dentro de mim como um génio se gravou;
Corpo meão com alma de gigante,
Avelino Aires Duarte se chamou.

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 5/7/79,
e em A VOZ DO MINHO e O BARCELENSE, de
14/7/79

III

RELIGIOSIDADE

PÁSCOA EM BARQUEIROS — 1955

Boas-festas, boas-festas
Vos trazemos neste dia:
O Senhor ressuscitou,
Cantemos aleluia...

Se quereis ressuscitar
Triunfantes com Jesus,
Com paciência e amor
Levai também vossa cruz.

O Senhor Ressuscitado
Vossa casa visitou,
Para a todos recordar
Que pela Cruz nos salvou.

Após Domingo de Ramos,
Sexta-feira da Paixão:
Vencida a morte e o pecado,
Páscoa da Ressurreição.

Páscoa da Ressurreição,
Cantemos aleluia.
Boas-festas, boas-festas,
Cheias de santa alegria...

RESSUSCITOU! ALELUIA!

Beijemos a Santa Cruz,
O Senhor Crucificado —
Sexta-feira, Senhor morto;
Domingo, ressuscitado.

Páscoa da Ressurreição,
Festa de santa alegria,
O Senhor nos visitou,
Cantemos aleluia.

Boas-festas, aleluia,
Aprendamos a lição:
A Sua morte de cruz
Foi a nossa salvação.

Se queremos, pois, também
Ressuscitar com Jesus,
Sem queixumes, com amor,
Levemos a nossa cruz.

Terminou alegre a volta,
O compasso recolheu.
Se esta a alegria da terra,
Qual não será a do Céu!...

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 7/4/77,
sem a última quadra

SENHOR DA CRUZ

Senhor da Cruz, que apontas o caminho
E és verdade e vida sem igual,
Irmana os corações do Algarve ao Minho
E faz renasça o vero Portugal...

Onde haja mais amor, e paz, e bem,
Mais igualdade e mais compreensão;
Sem injustiças para com ninguém,
Sem ódios, nem rancor, nem aversão.

Se precisares de mim, estou aqui:
Eu levarei a cruz atrás de Ti,
Caindo agora, erguendo-me amanhã...

Amando os que me odeiam por Te amar,
Dando o perdão a quem me maltratar...
E o Teu reino, por fim, a nós virá.

25 de Abril de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 1/V/75

QUINTA-FEIRA SANTA

Jesus ia morrer. Do seu fadário
O termo se aproxima desejado.
Do crime, da baixeza, do pecado,
A seus benditos pés, o vil sudário.

Que está pra acontecer de extraordinário,
Depois do lava-pés ter acabado?
Que irá fazer, de rosto assim mudado,
A vítima futura do Calvário?

— Meus filhos, meus amigos, meus irmãos,
Disse Jesus, tomando o pão nas mãos,
Eis o meu corpo, pra alimento vosso.

Tomai, comei. É toda a minha herança.
Tomai, bebei. É fonte de esperança.
Melhor não tenho, dar-vos mais não posso.

Publicados em O BARCELENSE, de 23/III/1940
e JORNAL DE BARCELOS, de 18/IV/1957

NA 1.^a COMUNHÃO DA SÃOZINHA

Do trigo se faz o pão,
O pão da terra e O do céu:
O primeiro sobre a mesa,
O segundo sob um véu.

Sob as espécies do pão
Está o mesmo Jesus
Pra nós nascido em Belém,
Por nós morto numa cruz.

Agora que O recebeste,
Vais crescer no seu amor;
Para teus pais e irmãos
Tens de ser muito melhor.

Abril de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 6/XI/75

Na Comunhão Solene de Profissão de Fé de
ANA BEATRIZ E ANTÓNIO FILIPE

Querido António Filipe,
Minha cara Ana Beatriz,
Neste dia tão sagrado,
Vosso tio que vos diz?

É a Comunhão Solene
Total entrega a Jesus.
É a Profissão de Fé
Viver caminhos da Cruz.

Em tudo o Mestre segui
(Sejam contrários os ventos).
Sempre cristãos integrais
Sede, em crença e mandamentos.

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 8/7/76

Na Comunhão Solene de Profissão de Fé da
SÃOZINHA

Fazes profissão de fé,
Em solene comunhão.
Tomas grande compromisso,
Maria da Conceição.

Seguir o Santo Evangelho,
Na senda dos mandamentos;
Buscar a graça de Deus
Na fonte dos sacramentos...

Amar a Deus e ao teu próximo,
Em todo o tempo e lugar;
Bom exemplo de virtude
À tua roda espalhar...

Que sempre sejas fiel,
Que Deus esteja contigo!
São votos que agora faço
Como tio muito amigo.

2/7/1978

NA ALDEIA — O TOQUE DAS TRINDADES

Da igreja no campanário,
Tange o sino com fragor...
A labuta é já finada:
Cavador, depõe a enxada,
Dá graças ao teu Senhor.

Na torre da freguesia,
Soou o bronze as Trindades...
Deixa o campo, lavrador,
Agradece ao teu Senhor
Tuas belas novidades.

Depressa, que já é noite,
Recolhe o gado, pastor;
Por gargantas e quebradas,
Vão do sino as badaladas:
As mãos eleva ao Senhor.

Ouvem-se os sinos ao longe,
Na igreja da freguesia...
Deixa por ora a farinha,
Veneranda moleirinha,
Diz comigo: Ave Maria!

Na cozinha atarefada,
Ouve a mãe Trindades dar:
Logo junta os seus filhinhos
E, depois de caladinhos,
Com eles põe-se a rezar.

Da igreja no campanário,
Tange o sino com fragor...
Eis que o trabalho é já findo:
Rezai todos, sim. Que lindo!
Sede gratos ao Senhor.

1938

NO MÊS DAS ALMAS

Irmãos da Igreja da terra,
Ó vós todos, almas crentes,
Lembraí-vos, no mês das Almas,
Da Igreja dos padecentes.

O nosso dia findou,
Já não podemos mer'cer.
Deus justo nos castigou,
Só vós nos podeis valer.

Passou a vida terrena,
Já começou a do além.
Pagamos do mal a pena,
Virá o prémio do bem.

Deus, compassivo e bondoso,
Nossas culpas perdoou,
Mas do seu eterno gozo
Algum tempo nos privou.

Tanto bem que não fizemos,
Tanto mal que praticámos,
Palavras más que dissemos,
Agora tudo expiamos.

Ao menos vós, os amigos,
Nossas penas recordai.
Deus é justo em seus castigos,
Seus mandamentos guardai.

*

Almas benditas que estais
No fogo da expiação,
Descem a nós vossos ais,
Sobe ao céu nossa oração.

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 20/XI/75

MÊS DAS ALMAS

Já começou o mês das Almas,
Portuguesa devoção.
Os irmãos do Purgatório
A contar connosco estão.

Querem missas, comunhões,
Sacrifícios, oração,
Esmolas por caridade —
Misericórdia em acção.

Mitiguemos sua dor,
Ouçamos os seus gemidos.
;Vamos agora esquecer
Os nossos entes queridos?

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 4/XI/76

FOI NATAL!

1

Foi há quase dois milénios,
Junto a Belém, num curral.
Uma virgem deu à luz...
Foi NATAL!

2

Reclinado em frias palhas,
Um menino divinal
Sorriu, de braços abertos...
Foi NATAL!

3

Vieram anjos do céu,
A cantar em arraial:
Glória a Deus lá nas alturas!...
Foi NATAL!

4

Despertaram os rebanhos,
Acorreu todo o zagal,
A levar a sua oferta...
Foi NATAL!

5

Reis ou magos orientou
Uma estrela excepcional.
Deram oiro, incenso e mirra...
Foi NATAL!

6

Um pobrezinho, antes d'ontem,
Veio bater-te ao portal.
Farta consoada lhe deste...
Foi NATAL!

7

Apar'ceu-te um retornado,
A desfiar o seu mal.
Garantiste-lhe um emprego...
Foi NATAL!

*

Não matei fome nem sede,
Não visitei hospital,
Não fiz qualquer caridade...
FOI NATAL?

Natal de 1975

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 1/1/76, e
em A VOZ DO MINHO e O BARCELNSE, de 3/1/76

FOI NATAL?

1

Na tardinha de Consoada,
Com vento e chuva glacial,
Negaste a pobre uns cavacos...
Foi NATAL?

2

Pra temperar as batatas,
Um mendigo pediu sal.
Que não tinhas, respondeste...
Foi NATAL?

3

— Uma esmolinha plas Almas!
Vivo só, passo tão mal...
— Não pode ser... Vá com Deus!
Foi NATAL?

4

Aquela pobre doente,
Cara de fome real,
Despediste com maus modos...
Foi NATAL?

5

— Espere mais oito dias
Pla minha renda mensal!...
— Vou instaurar-te o despejo!
Foi NATAL?

6

Deu-te «bom dia», ao passar,
Quando estavas no quintal.
Viraste a cara prò lado...
Foi NATAL?

7

Àquela mãe torturada,
Com filhinho no hospital,
Negaste a «baixa» pedida...
Foi NATAL?

*

Bem pouco tinhas pra dar...,
Mas despejaste o avental
Na primeira que apar'ceu.
FOI NATAL!

Natal de 1976

Publicados em O BARCELENSE, de 18/12/76, e
em JORNAL DE BARCELOS e A ORDEM, de 23/12/76

GLÓRIA A DEUS, AOS HOMENS PAZ!

1

Sempre gostei do Natal
(Inda menino e rapaz)
E do cântico dos Anjos:
Glória a Deus, aos homens paz!

2

Gosto muito do Natal,
Das mensagens que nos traz.
A mais linda é, para mim:
Glória a Deus, aos homens paz!

3

Gosto sempre do Natal,
Quente ou frio, tanto faz.
Na verdade, importa mais:
Glória a Deus, aos homens paz!

4

Há pouco, dei-me a cismar
Nos que passam horas más
E, dentro em mim, perguntei:
Glória a Deus, aos homens paz?!

5

Tive pena dos mais pobres,
Que a Ceia não satisfaz?
Posso dizer sem mentira:
Glória a Deus, aos homens paz?!

6

Nada fiz pelos irmãos
(E talvez fosse capaz)...
Com que verdade direi:
Glória a Deus, aos homens paz?!

7

E tu, irmão, que fizeste?
(Só a ti responderás).
Oxalá possas cantar:
Glória a Deus, aos homens paz!

8

Que melhor seria o mundo,
Se cada qual, mais audaz,
Pusesse em obras na vida:
Glória a Deus, aos homens paz!...

Natal de 1977

Publicados em O BARCELENSE, de 24/12/77

VINDE SALVAR-NOS, SENHOR

CORO

Filho de Deus incriado,
Prometido Redentor
Desde que Adão fez pecado:
Vinde salvar-nos, Senhor.

1

Sabedoria eterna e divinal,
Que tudo com firmeza governais
E cuja suavidade é um condão:
Vinde a nós, vinde ensinar-nos
O caminho da nossa salvação.

2

Chefe da Casa eleita de Israel,
Que a lei moisaica destes no Sinai
Entre trovões e vento proceloso:
Vinde os homens resgatar
Com a força do braço poderoso.

3

Nova Raiz, rebento de Jessé,
Erguido frente aos povos, pra sinal,
A reprimir dos reis palavras tontas:
Das nações ouvi os rogos,
Não tardeis e livrai-nos já do mal.

4

Chave da nobre Casa de David,
Que abris sem que ninguém possa fechar,
Fechais sem mais alguém poder abrir:
A quem vive em treva ou sombra
Das cadeias oh! vinde libertar.

5

Ó Sol nascente, Sol de rectidão,
Da luz divina infindo resplendor:
Em trevas ou na sombra a quem morar
Dai esp'ranças de viver
E vinde, vinde já iluminar.

6

Rei das nações, por todos desejado,
E Pedra basilar da Santa Igreja,
Princípio de unidade e de firmeza:
Ao mortal do pó formado
Vinde salvar com Vossa fortaleza.

7

Emanuel, Divino Salvador,
Esp'rança das nações e Rei dos reis,
Legislador supremo e universal,
Verbo eterno de Deus Pai:
Vinde salvar o mundo, não tardeis.

20/10/1978

DE BARCELOS PADROEIRA

Olhando as naus que, agitadas,
Vagueiam no alto mar,
Esperas que, desoladas,
A Teus braços venham dar.

Desse monte da Franqueira,
De rara e rica miragem,
Os Vossos, em tal canseira,
Amparai, desta viagem.

Deste Vosso filho crente
A vida tornai ditosa,
Santa Virgem da Franqueira —

Do mar farol resplendente,
Da terra estrela formosa,
DE BARCELOS PADROEIRA...

25/3/1936

Publicados em O BARCELENSE, de 12/IX/36

VIRGEM DA FRANQUEIRA

Mãe e Senhora, lá do teu altar,
Estende o olhar por esse vale além
E, meiga, terna, de Israel Cecém,
Volve-o também ao largo, pelo mar.

Não vês ali um pobre a mourejar,
Num rude labutar como ninguém?
Mais acolá, das ondas no vaivém,
Não vês alguém na faina de pescar?

Por eles vela, tem dos homens dó,
Protege a todos, flor de Jericó,
No mar da vida e na hora derradeira.

Vela por mim e pela lusa terra,
Dá paz ao mundo, livra-nos da guerra:
Teus filhos somos, Virgem da Franqueira...

1936

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 21/8/75

À VIRGEM DA FRANQUEIRA

Mãe e Senhora, Virgem pura e bela,
Santa donzela, filha de Israel,
Ai quem me dera ter um bom pincel
Como Miguel, egrégio rei da tela!

Pintar-Vos-ia numa tosca cela,
Qual caravela neste mar de fel...
Todos os anjos, mesmo até Lusbel,
Junto ao painel, os olhos punham nela...

Mas nada tenho (mísero Leão)...
Luz do cristão, que vou fazer assim?
Dizei-mo agora, santa Padroeira.

Cantar-Vos-ei em versos de trovão...
Meu coração será pra Vós sem fim...
Sois minha Mãe, ó Virgem da Franqueira.

Setembro de 1937

Publicados em O BARCELENSE, de 11/IX/37, com
o pseudónimo de *Leão Sereno*

AOS PÉS DA VIRGEM

(A pensar na semana da Franqueira)

CORO

Aos pés de Maria
Havemos de vir
Sempre, em cada dia,
As bênçãos pedir.

1

Sou Mãe de ternura,
Sou a vossa Mãe:
A minha ventura
É fazer-vos bem.

2

Sois tão pobrezinhos
Das graças de Deus...
Toda sou carinhos
Para os filhos meus.

3

Rios de alegria
Hei-de derramar,
De noite e de dia,
Sobre o vosso lar.

4

Do campo as canseiras
Hei-de abençoar,
Pra que as vossas leiras
Possam transbordar.

5

Serei companhia
A quem Me chamar
Senhora da Guia,
Estrela do Mar.

6

Em todo o trabalho
Para bem da grei
(Prometo e não falho)
Convosco estarei.

Publicados em JORNAL DE BARCELOS, de 4/8/77

À SENHORA DA FRANQUEIRA

CORO

Peregrina da Franqueira,
Ó Santa Mãe do Senhor,
Um altar
Tendes Vós no coração
Destes filhos que aqui estão,
O Vosso amor
A cantar.

1

Veio a nós a Padroeira,
Uma semana passar.
Tivemo-La à nossa beira,
Pra junto dEla rezar.

2

Já voltou à Sua ermida
A Peregrina do amor,
Nossa Mãe estremecida
E Santa Mãe do Senhor.

3

Foi com Ela o povo crente,
Almas em prece a cantar:
É Maria a Mãe clemente,
Que a todos nós quer salvar.

4

Sim, tenhamos confiança
No Seu poder maternal:
É Maria a nossa esp'rança,
Não há no mundo outra igual.

5

A Senhora lá dos céus
Não diz que não a ninguém.
Tudo pode: é Mãe de Deus;
É nossa Mãe: quer-nos bem.

Publicados em O BARCELENSE, de 16/8/75

NOSSA SENHORA DE MAIO

Começou o mês das flores,
Tudo é sorriso, alegria...
São as rosas meus amores,
A mais amada é Maria.
Hei-de cantar seus louvores,
À tardinha, em cada dia.

Bendito seja este mês,
Nas flor's de cada dia.
Todas são belas, à vez,
Mais bela a Virgem Maria.

Chegou o Maio sem par,
Toda a terra é um jardim.
Meu coração é altar
Que tenho dentro de mim.
Eu o quero dedicar
A Maria até ao fim.

Neste santo mês cantemos
Os primor's da Mãe de Deus.
É a Mãe que no céu temos,
Somos todos filhos seus.

1977

IV

VÁRIA

O SEMINÁRIO

Nesse florido canteiro,
Se forma, com grão labor,
O ministro do Senhor,
Dos sacrários o porteiro.

De Jesus será obreiro,
Alma abrasada em amor;
Para o justo e pecador,
No mar da vida, um luzeiro.

Ruja embora o vendaval.
De toda a raiva infernal
Por cima desse operário,

Seu posto será mantido,
Pois é soldado instruído
Adentro do Seminário.

26/7/1937

Publicados em O BARCELENSE, de 7/8/37

DESPEDIDA

Eu chorei de saudade e de tristeza,
Pensando que regressas ao teu lar.
E ficarei mui tempo a recordar
Teu coração e tua gentileza.

Tu vais e eu fico, já que ir não posso;
Irei, tu ficas, pois não podes ir.
Recebe saudades e adeus nosso,
Valenciana em flor, que vais partir.

Vais partir para longe, Juana linda,
Pra terras de Valença, junto ao Minho.
Aceita as saudades da Carmina,
Beija por mim a Lena e o Quinzinho.

Não chores, Juana, choro eu por ti...
Do coração afasta vã tristeza.
A esta linda terra onde nasci
Voltarás para o ano com certeza.

Aceita deste grupo os cumprimentos,
Com mil votos de eternas f'licidades.
De tristura recalca os sentimentos:
Hás-de voltar... e findam as saudades.

1938

MADALENA

Se de poeta, acaso, tinha veia,
De versos eu faria uma torrente,
Celebrando, enlevado, docemente,
A luz desses teus olhos, que me enleia.

Escreveria uma ode ou epopeia,
Cantando tua voz, que nunca mente,
Ou teu sorriso franco, de inocente,
Que prende a quem se acerca ou te rodeia.

Se de poeta, acaso, tinha veia,
Versos mil te faria e mais ainda...
Mas não tenho, infeliz, e me dá pena.

Mas prometo, se não perder a ideia,
Que nunca hei-de esquecer-te, ó jovem linda,
Que sempre hei-de lembrar-te, Madalena.

1.º DE DEZEMBRO
—SONHO DE LIBERDADE

Ó sol, ó luz, ó dia, onde é que estais?
Que destinos, que leis ou que segredos
Perder fizeram esses dias ledos
Que gozaram outrora nossos pais?

Só morte, sujeição, nem sei que mais...
Ó Portugueses, como assim tão quedos,
Se até do Hermínio choram os penedos,
Lembrando velhos tempos que olvidais?!

Então?... (Oh céus!) Acaso o pátrio amor
Já vossos corações não faz vibrar?!
Eia! Alerta! À vitória, lusa gente!

Vamos todos, ativos, com ardor,
A Pátria q'rida, enfim, desalgemar:
Portugal será livre eternamente!...

Publicados em O BARCELENSE, de 29/XI/1941

REIVINDICAÇÃO

Porque temos nova escola,
Nós vimos agradecer.
O Governo da Nação
Não podemos esquecer.

Somos da Lagoa Negra
E não temos escolinha;
Temos só posto de ensino,
Numa casa pobrezinha.

Também somos de Barqueiros,
Precisamos duma escola.
Reivindicamos direitos,
Não pedimos uma esmola.

Somos assim, alma aberta:
Não sabemos bajular.
Revolução continua,
Para uma escola nos dar?

1952

CORTEJO INFANTIL

(Em Barqueiros, para a Associação de Doutrina Cristã e para o Monumento Nacional a Cristo-Rei)

Damos tudo com amor,
Que Jesus tudo merece.
Damos o mais que podemos,
Que dar pouco mal parece.

O amor do coração
Não se mede pela altura...
Somos só dez reis de gente,
Mas vamos fazer figura.

— Deixai vir as criancinhas
(Disse Jesus certo dia)...
São as minhas amiguinhas,
Quero a sua companhia.

Nosso cortejo infantil
Sempre vai dar que falar.
Vinde todos para o adro,
Nossas prendas rematar.

9/1/1956

GIRASSOL

(Para reuniões de «benjamins»)

CORO

O Girassol, Girassol, Girassol é sol...
O Girassol, Girassol, Girassol é luz...
Com verdade, grita toda a benjamina:
Girassol é coisa fina,
É uma revista de truz.

1

Em toda a parte,
Quando chega o Girassol,
Parece que nasce o sol
Ou é dia de Natal.
E todas nós
Cantamos alegremente,
A dizer a toda a gente:
Girassol não tem rival.

2

Aqui viemos,
Tão risonhas como Abril,
As mocinhas de Gamil,
Alegres qual rouxinol,
Sempre a cantar,
À moda da nossa aldeia,
A dizer à boca cheia:
Coisa fina é Girassol.

25/2/1962

CANTAI, CANTAI...

(Para as moças de Barqueiros, no Cortejo de Oferendas em favor do Hospital da Misericórdia de Barcelos, a 1/XII/1955)

CORO

Cantai, cantai,
Cantai todas à porfia.
Mostrai, mostrai
De Barqueiros a alegria.

1

Somos gente de Barqueiros,
Vimos dar ao Hospital:
Uns dão mais, outros dão menos,
Não pode ser tudo igual.

2

Damos milho, mais batatas,
E cebolas mais feijão...
Tudo damos com prazer,
Pois temos bom coração.

3

Nossa oferta transportamos
Em cestinhos a primor,
Pra ajudar os doentinhos,
Nossos irmãos no Senhor.

4

Vai Maria com as outras
E Manel vem com os mais.
Que será dos doentinhos,
Se faltarem hospitais?

5

Caminhetas carregámos
De bons toros de pinheiro...
Cereais também juntámos,
Tudo vale bom dinheiro.

6

Não fizemos conta certa,
Não queremos enganar...
Se não vai aos treze contos,
Bem pertinho deve andar.

Novembro de 1955

QUEM DÁ AOS POBRES...

(Para as moças de Barqueiros, no Cortejo de Oferendas a favor do Hospital da Misericórdia de Barcelos, a 1/XII/1955)

CORO

Vimos alegres
E satisfeitas,
Que os nossos juro
Virão dos céus...
A Santa Casa
É para os pobres:
«Quem dá aos pobres
Empresta a Deus».

1

Vimos todas
Lá de Barqueiros,
Por caridade,
Santo ideal,
Trazer of'rendas
Da sua gente,
Para o cortejo
Do Hospital.

2

Barqueiros passa
Toda vaidosa,
Vaidade santa
De fazer bem.
Seus donativos
Traz, donairoza,
Da caridade
À Casa-Mãe.

3

Barqueiros canta,
Com ufania,
Em versos simples,
O seu sentir.
Embora pobre,
A freguesia
A tal cortejo
Tinha de vir.

4

Se tendes muito,
Dai sempre muito
(Nos ensinaram,
Santo ideal!)...
Se tendes pouco,
Dai sempre um pouco
Ao grande pobre,
Nosso Hospital.

5

Saudai a Mesa
Da Santa Casa,
Saudai Barcelos
E a sua gente,
Saudai o povo
Desta cidade,
Saudai a Câmara
E o Presidente.

Novembro de 1955

SOMOS GENTE DE GAMIL

(No Cortejo de Oferendas, a favor do Hospital da Misericórdia de
Barcelos a 12/XI/67)

CORO

Cantai, cantai
Na melhor afinação.
Dançai, mostrai
De Gamil a animação.

1

Somos gente de Gamil,
A freguesia em geral.
Juntámos nossas ofertas,
Pra levar ao Hospital.

2

Somos gente de Alconchel,
Castanheira e Machadinhos.
Somos de Agra e do Casal,
Das Quintãs e dos Moinhos.

3

Somos gente de Gamil:
Xisto, Cepa, Viso, Igreja.
Damos com a mão direita,
Mas a 'squerda que não veja.

4

Vem a Pena, Torre e Monte,
Com primorosos cestinhos.
Vem Jardim e Lavadouros,
Encostado a Barcelinhos.

5

Damos cebola e batata,
Trazemos milho e feijão.
Damos com toda a alegria,
Do fundo do coração.

6

Carregámos num tractor
Boa madeira de pinho;
Cereais também trazemos:
Tudo vale dinheirinho.

7

Nossas alegres cantigas
Traduzem nossos carinhos...
Queremos que a Santa Casa
Trate bem dos doentinhos.

Novembro de 1967

CANTIGAS AO DESAFIO

Cantigas ao desafio...
Devem ser ao natural.
Ora agora apanhas tu,
Depois eu, pra ser igual.

Cantar quadras já batidas,
Qual comprimido já feito,
Não me agrada, amigo Zé;
Espontâneas têm mais jeito.

Bota lá uma das tuas,
Que a resposta te darei.
Se ficas pra aí calado,
Também eu me calarei.

Vou dizer uma verdade,
Uma coisa muito certa:
A gatinha que nos ouve
Tem a boca toda aberta.

A festa já vai no fim,
Terminou a pagodeira.
Um homem não é de pau,
Quem quiser mais vá à feira.

ÍNDICE

Dedicatória	5
Duas palavras	7

PRIMEIRA PARTE — VERSOS IMPOSTOS

Maria, alto farol	11
A Nossa Senhora da Franqueira	12
Maria é nossa Mãe	13
A Santa Cecília	16
Tu és Pedro	17
Um só rebanho! Um só pastor!	25

SEGUNDA PARTE — VERSOS PEDIDOS

I — MAIS OU MENOS PROFANOS

Ilusão — Desengano	33
Passeio no Cávado	34
A nossa oferta	36
Eu sou Maria	37
Gratidão e prece	39
A nossa oferta	41
Hino da Cantina Escolar	42
Hino do Salão Paroquial	43
Hino do Externato de D. António Barroso	45
Hino do Círculo Católico de Operários	47
Hino do Centenário das F. M. M.	49
Coro dos Caçadores	51
Canção ao luar	52

II — MAIS OU MENOS SAGRADOS

Para uma Comunhão de Crianças	57
Senhora do Socorro	59
Nossa Senhora das Neves	61
Senhora das Águas Santas	62
Refúgio dos Pecadores	64
Cântico de meditação	65

Bem-aventuranças	66
Hossana! Hossana!	68
Os sete dons	70
Cântico de entrada	72
Cântico ofertorial	73
Cântico da comunhão	74
Cântico final	75
Promessa	76
Introdução à palavra	78
Oh! vinde, Senhor Jesus	79
Doxologia	81
Ao Crucificado	82
Pequenos e humildes	83
Jesus e as criancinhas	86
Hino dos Coros Paroquiais	87
Para uma Eucaristia de Crianças	88

TERCEIRA PARTE — VERSOS ESPONTÂNEOS

I — TROVAS À TOA

Testamento de Judas	97
Na Casa do Pombal — 1	100
Na Casa do Pombal — 2	102
Na Missa Nova do P. ^a Aviz de Brito	104
Na Missa Nova do P. ^a Domingos Carvalho	106
Janeiras em Gamil	111
Pretoquês na TV	115
Os inocentinhos	116
Tachistas	118
Nos campos de futebol	119
Modos de ver	121
Quem será?	122
Brincar com quem brinca	124
Figuras do 25 de Novembro	125
Brincadeira de aniversário	127
O vitelo da Rosinha	130
Queixumes do Olival	131
Austeridade	133
Se....., sou fascista!	135

II — HOMENAGENS

A — *No aniversário*

Ao Senhor D. António Bento Martins Júnior	141
Num aniversário de D. Joaquin Mestre Crespo	143
A D. Maria Beatriz de Miranda Vasconcelos	146
A Maria da Conceição Linhares de Figueiredo	147
A José Manuel Gonçalves	148
A José Barbosa Pereira Júnior	149
A D. Doroteia Duarte Rosa	151
A Lucília Maria Pereira Filipe da Cunha	153
A Teresa Duarte Pereira	154
A D. Maria de Oliveira Faria	156

B — *Noutras circunstâncias da vida*

Às juventudes barcelenses	159
À Associação Académica de Barcelos	160
Barcelos em sonhos	161
À Maria Eufrásia de Araújo	163
Ao Senhor Arcebispo Primaz	165
À Dr. ^a Manuela Hermínia Guimarães Faria Pinheiro	167
Ao Dr. Fernando António Carvalho de Andrade	168
Ao Padre José Carlos da Costa Seara	169
A Maria Madalena Freitas e Francisco Duarte Pereira	170
A Alexandrina Pereira Alves e Rogério da Costa	171
A cinco Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria	172
Ao Padre António Duarte Miranda	173
A Monsenhor Cirilo António de Figueiredo	174
A Monsenhor Alberto da Rocha Martins	175
Aos Bombeiros Voluntários de Barcelos — 1	176
Aos Bombeiros Voluntários de Barcelos — 2	178
Ao Bombeiro Voluntário	180

C — *Depois da morte*

A D. Maria Armell Ivars	183
Ao Dr. Mário Queirós	185
Ao Dr. Abel Augusto Almeida Carneiro	186
A D. Lucília Nunes	187
Ao Prof. Avelino Aires Duarte	188

III — RELIGIOSIDADE

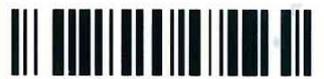
Páscoa em Barqueiros	191
Ressuscitou! Aleluia!	192
Senhor da Cruz	193
Quinta-feira Santa	194
Na 1. ^a Comunhão da Sãozinha	195
Na Profissão de fé de Ana Beatriz e António Filipe	196
Na Comunhão Solene de Profissão de Fé da Sãozinha	197
Na aldeia — O toque das Trindades	198
No mês das Almas	200
Mês das Almas	202
Foi Natal!	203
Foi Natal?	205
Glória a Deus, aos homens paz!	207
Vinde salvar-nos, Senhor	209
De Barcelos padroeira	211
Virgem da Franqueira	212
À Virgem da Franqueira	213
Aos pés da Virgem	214
À Senhora da Franqueira	216
Nossa Senhora de Maio	218

IV — VÁRIA

O Seminário	221
Despedida	222
Madalena	223
1. ^o de Dezembro	224
Reivindicação	225
Cortejo infantil	226
Girassol	227
Cantai, cantai...	228
Quem dá aos pobres	230
Somos gente de Gamil	232
Cantigas ao desafio	234

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Companhia
Editora do Minho — Barcelos, em Novembro de 1979.

biblioteca
municipal
barcelos



7425

Versos